

**EMANUEL DE JESUS MONTEIRO VAZ FERNANDES**

# **PICOS: A TERRA E A GENTE**



**LICENCIATURA EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**ISE, 2005**

**EMANUEL DE JESUS MONTEIRO VAZ FERNANDES**

**PICOS:  
A TERRA E A GENTE**

Trabalho Científico apresentado ao ISE para obtenção  
do grau de Licenciatura em Ensino de História, sob  
a orientação da Dr.<sup>a</sup> Iva Cabral

O Júri:

---

---

---

Praia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2005

**ÍNDICE**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO I. ABORDAGEM HISTÓRICA DA RIBEIRA GRANDE E DOS PICOS.....</b>	<b>7</b>
1. UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA CIDADE DA RIBEIRA GRANDE....	7
1.1. Origem da Ribeira .....	7
1.2. A queda da Ribeira Grande e suas consequências.....	10
2. A TRANSFERÊNCIA DA SEDE DA RIBEIRA GRANDE PARA OS PICOS E O SEU IMPACTO PARA O DESENVOLVIMENTO DE INTERIOR DE SANTIAGO.....	19
2.1. A História de Santa Catarina.....	19
2.2. As diversas transições do concelho de Santa Catarina.....	24
2.3. Uma análise histórica dos Picos (1834-1971) .....	29
<b>CAPÍTULO II. PICOS: A TERRA E A GENTE.....</b>	<b>38</b>
1. Picos da independência à criação do município de São Salvador do Mundo.....	39
1.1. A festa de São Salvador do Mundo.....	39
1.1.1 A comemoração da festa ontem e hoje.....	41
1.1.1.1. As actividades religiosas.....	44
1.1.1.2. As actividades profanas ontem e hoje.....	49
1.2. Impacto nos Picos da política camarária de Santa Catarina .....	53
1.3. A vida socio-económica nos Picos.....	54
1.3.1. A produção agro-pecuária.....	54
1.3.2. O comércio.....	56
1.3.3. A produção de grogue.....	57
1.3.4. O artesanato do ferro nos Picos.....	58
1.3.5. Uma visão etnográfica da produção dos cestos nos Picos.....	59
Conclusão.....	71
Bibliografia.....	74
Anexos	

## INTRODUÇÃO

A ideia de elaborar este trabalho surgiu através da leitura dos livros “Subsídio para a História de Guiné e Cabo Verde” (de Senna Barcelos) e “A vila de Assomada” do Dr. Henrique Lubrano de Santa Rita Vieira. Como estes estudos por si só não satisfizeram a nossa curiosidade, resolvemos fazer pesquisas arquivísticas e entrevistas, a fim de esclarecer umas certas dúvidas.

O objectivo da escolha deste tema é proporcionar um modesto documento de pesquisa sobre a origem dos Picos e a forma de vida da sua população, por um lado. Por outro, visa enquadrar a História dos Picos no universo da História de Cabo Verde permitindo um documento que contribuirá para o despertar interesse às actuais gerações pela investigação.

Perante a nossa origem e o modo de vida da população cabo-verdiana é natural que nos sintamos interessados em fazer um estudo dos mesmos. No entanto nunca seria excessiva uma penetração no quotidiano da população dos Picos, permitindo o conhecimento daquilo que veio a ser Picos hoje, como viveu e vive a sua população e que Sá lançar desafios a sociedade futura.

O nosso trabalho comporta dois capítulos sendo o primeiro: Abordagem histórica da Ribeira Grande e dos Picos e o segundo, Picos: a terra e a gente.

O presente trabalho faz um enquadramento desde a origem da população na Ribeira Grande (actual Vila da Ribeira Grande de Santiago) à dispersão da população para o interior da ilha. Aborda também as razões que estavam subjacentes à ruína da sociedade urbana da Ribeira Grande. Fala do modo de vida da população do interior no período antes da abolição da escravatura e as várias tentativas de revolta. Aborda, ainda, as questões das constantes transições da sede de Santa Catarina e o poderio dos proprietários rurais.

Nessa sequência faz um estudo dos Picos no período em que a freguesia de São Salvador do Mundo esteve enquadrado na cidade da Praia (1872-1971) e por último faz um estudo dos Picos do pós independência de Cabo Verde a criação do Município de S. S. do Mundo.

Para escrever este trabalho recorreremos a exígua bibliografia como: Boletins Oficiais., documentos referentes à administração da Praia, alguns livros como o de Dr. Santa Rita Vieira e de Senna Barcellos e recorreremos ainda a entrevistas.

Pareceu-nos relevante explorar aquilo que é Picos na medida do possível, não só pelo facto de pertencermos a esta jovem vila, como também por existir algo sobre essa região que pondo no papel, de certa forma vai, constituir um legado escrito a cerca deste jovem Concelho.

## **CAPÍTULO I – ABORDAGEM HISTÓRICA DA ORIGEM GRANDE E DOS PICOS**

### **1. UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA RIBEIRA GRANDE**

#### **1.1. A ORIGEM DA RIBEIRA GRANDE**

A História da ilha de Santiago e da sua 1ª vila/cidade, começa quando António da Noli e seus homens, vindos de Portugal, instalam-se na região a que deram o nome de Ribeira Grande e principalmente quando esses primeiros moradores trouxeram os primeiros escravos comprados ou capturados na costa da Guiné.

António da Noli, acompanhado por alguns membros da sua família e de colonos do Alentejo e do Algarve, estabeleceu-se na parte sul da ilha de Santiago, dando assim origem ao primeiro núcleo populacional em Cabo Verde -a vila da Ribeira Grande (actual Cidade Velha).

Quatro anos após o início do povoamento (1466), a população da ilha de Santiago era escassa. Segundo os padres franciscanos, Frei Rogério e Frei Mauro, que aportaram na ilha nesse período, viviam ali apenas alguns genoveses cuja principal tarefa era colher algodão. A escassez de população pode ser explicada pelo facto de Cabo Verde se encontrar distante de Portugal, de ser despovoado e de ter um clima “doentio”. Segundo Correia e Silva “a ilha de Santiago não detinha um valor geo-estratégico importante, antes pelo contrário, era altamente *desestratégica*”<sup>1</sup>.

Para ultrapassar esses constrangimentos, e incentivar o povoamento foram atribuídos uma série de privilégios aos moradores da ilha de Santiago através da carta 1466. “O principal atractivo destes privilégios residia, /.../, na capacidade detida pelos moradores para comerciarem com a costa ocidental africana fronteira a Cabo Verde e usufruírem de privilégios fiscais”<sup>2</sup>.

Nesta óptica, escolheu-se primeiramente a ilha de Santiago para ser povoada, uma vez que apresentava melhores condições geo-estratégicas, era a maior, a mais arborizada e com bons portos e largas baías naturais. Sendo assim, a Ribeira Grande é escolhida por ter uma enseada defronte à foz de uma ribeira e por possuir recantos onde os navios podiam abrigar-se; dispunha igualmente, nas proximidades imediatas, de terrenos onde rapidamente podiam lançar-se as bases para o desenvolvimento de uma agricultura de subsistência.

Em 1497, escassos anos após o início do seu povoamento, a Ribeira Grande já era uma vila que possuía uma Câmara<sup>3</sup> que punha em causa a autoridade do capitão donatário como força representativa da comunidade (os moradores).

A fixação de mercadores reinóis e castelhanos à volta do porto deu início à formação de uma próspera comunidade de mercadores e vizinhos que tinha como actividade económica principal, o comércio.

---

<sup>1</sup> SILVA, António Leão Correia e, *História de um Sahel Insular*, 2ª edição, Spleen, 1996, Praia, p. 19.

<sup>2</sup> DOMINGUES, Ângela, “Administração e Instituições: Transplante, Adaptação, Funcionamento”, In: *História Geral de Cabo Verde* (coord. Luís de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos), vol. I, Lisboa, Edição conjunta de Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Científica Tropical e da Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, 1991, p. 63.

<sup>3</sup> Idem, ibidem, p. 62.



Com os privilégios doados aos seus moradores na carta de 1466, a vila da Ribeira Grande passou a poder utilizar a sua posição geográfica, privilegiada e estratégica. A meio caminho entre três continentes (Europa, África e América) a ilha de Santiago, rapidamente, se transformou numa placa giratória da navegação transatlântica: ponto de escala e de aprovisionamento dos navios, ponto de penetração portuguesa no continente, depósito de mercadorias africanas e principalmente da mais valiosa -o escravo.

Segundo o corregedor Pedro Guimarães, em 1513, a vila de Ribeira Grande tinha já uma população composta por: cinquenta e oito vizinhos homens honrados brancos, dezasseis vizinhos negros, cinquenta e seis estantes estrangeiros, quatro mulheres brancas solteiras e dez negras, doze clérigos, três frades e “assim estas outras gentes forasteiras que em qualquer momento podem partir para a metrópole e para a Europa”.<sup>4</sup>

Mas a carta de 1466 não proporcionou a criação de uma economia interna assente na produção local. A limitação dos privilégios (carta de 1472) instituiu o “/.../ produtor que, em razão das suas necessidades, promoveria o povoamento intenso da ilha”<sup>5</sup>. Segundo essa carta, os moradores só podiam comercializar com os produtos “nados e criados” na ilha; armar com navios registados em Santiago e capitaneados por moradores. Com essa carta, também ficou proibida a parceria, com os não moradores. Assim podemos afirmar que a carta de 1472 foi a principal promotora da produção interna e consequentemente do povoamento das ilhas de Santiago e Fogo.

A dinâmica comercial da Ribeira Grande fê-la emergir, rapidamente, de vila à categoria de cidade, sede do Bispado de Cabo Verde e da Guiné (1533).

Essa dinâmica espelha-se na actividade do porto da Ribeira Grande. Assim num período de quinze anos, isto é, entre 1513-1528, entraram, em média, 1400 escravos por ano, na ilha de Santiago. Vejamos:

- 1513 – 328 escravos (uma média de 54 peças por navio)
- 1514 – 1354 escravos (uma média de 96 peças por navio)

---

<sup>4</sup> Cabral, Iva, Ribeira grande: Vida urbana, gente, mercancia, estagnação, in *História Geral de Cabo Verde* (coord. De Maria Emília Madeira Santos), vol. II, Lisboa, Edição conjunta do Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Científica Tropical e do Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, 1995, p. 229-230.

<sup>5</sup> SILVA, António Leão Correia e, *História de um Sahel Insular*, Ob. cit., p. 29.

- 1515 – 1404 escravos (uma média de 87 peças por navio)
- 1528 – 1490 escravos (uma média de 106 peças por navio)<sup>6</sup>

A cidade que nasceu das relações comerciais dos moradores com a costa africana servia como “ (...) ponto de apoio aos navios que se dirigiam para África e para o Novo Mundo (...) foi para os mareantes um lugar de descanso e abastecimento”<sup>7</sup>.

Em 1549 o contador André Rodrigues diz que a Ribeira Grande, “tirando a cidade de Lisboa, nem duas cidades do Reino rendem tanto quanto ela porque vai em crescimento, por razão que toda a navegação do Brasil e de Peru e das Antilhas e da ilha de S. Tomé para todos é repairo /.../”<sup>8</sup>

## **1.2. A QUEDA DE RIBEIRA GRANDE E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS**

A cidade da Ribeira Grande cresceu, prosperou e foi durante séculos a capital de Cabo Verde e foi considerada, em meados do século XVI, um aglomerado populacional muito rico dado o seu papel de entreposto comercial.

Os moradores de Santiago começaram a perder o monopólio do comércio na costa da Guiné quando, nos finais do século XVI, são confrontados não só com a concorrência nos Rios da Guiné dos contrabandistas que foram os lançados, dos ingleses, franceses e holandeses, mas também com a dos reinóis que vinham da metrópole com autorização prévia do rei para resgatar.

---

<sup>6</sup> Torrão, Maria Manuel Ferraz, “Actividade comercial externa de Cabo Verde: organização, funcionamento, evolução”, in: *Historia Geral de Cabo Verde*, vol. II, ob. Cit., p. 275.

<sup>7</sup> CABRAL, Iva, Ribeira Grande: Vida Urbana, Gente, Mercancia, Estagnação, ibidem, p. 262.

<sup>8</sup> Idem, ibidem, ob. cit., p. 225.

Foi-se registando, assim, o “ /.../ desaparecimento gradual do estrato da população que dominou a cidade da Ribeira Grande durante quase um século da sua história: os armadores”<sup>9</sup>. Isto porque os moradores de Santiago não podiam concorrer com os mercadores portugueses e de outras nações que traziam produtos europeus que eram superiores em termos de qualidade e de preço se comparando “com as mercadorias nadas e criadas” em Cabo Verde, produzidas com mão-de-obra escrava.

Os momentos difíceis multiplicaram-se, sobretudo, quando “o declínio do trato dos moradores de Santiago com a costa da Guiné e a cada vez menor assiduidade com que os navios aportavam à Ribeira Grande /.../”<sup>10</sup>, levaram à ruína a vida urbano-mercantil a primeira capital de Cabo Verde. A sociedade de Santiago foi-se desestruturando, gradualmente, “ /.../ quando as rotas marítimas começaram a passar ao largo da ilha de Santiago; quando os mercadores reinóis e castelhanos deixaram de necessitar do apoio de seus moradores para fazer negócios com a costa africana, /.../”<sup>11</sup>. Os navios portugueses deixaram de aportar na ilha. Com o aval da coroa, iam para a costa da Guiné directamente às Antilhas e Brasil sem a obrigatoriedade de escalar em Santiago.

O clima doentio, o alto custo de vida, a pirataria, a redução de nomeações de procuradores e de agentes comerciais foram outras causas inerentes à queda de Ribeira Grande. Outra causa importante foi a insegurança que era sentida na Ribeira Grande, devido à falta de meios de defesa, tanto terrestres como navais, o que proporcionava um terreno fértil para a actividade do corso e da pirataria. É de salientar que a actividade do corso teve a sua origem na política de *mare clausum*, resultado do famoso Tratado de Tordesilha (1494) que dividiu o Mundo em duas partes: uma pertencente a Portugal e outra a Espanha, países que se tornaram, assim, com o aval da Santa Sé, nos únicos que podiam navegar, explorar e conquistar as terras recém “descobertas”.

Segundo António Carreira “ /.../ o corso e a pirataria tiveram início logo a seguir aos primeiros anos de 500. E com intermitências prosseguiu pelos séculos fora, sempre com finalidade de roubar géneros, gado, manufacturas e escravos”<sup>12</sup>.

---

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 264.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 265.

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 262.

<sup>12</sup> CARREIRA, António, *Cabo Verde, Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata, (1460-1878)*, 3ª edição, IPC, Praia, p. 355.

As razões que fizeram de Portugal, com a sua política de sigilo, uma potência incapaz de deter a actividade do corso são: a fuga de informações provocada, por um lado, pela perseguição religiosa contra os cristãos-novos, por outro, pela existência de cartógrafos portugueses que trabalhavam, na altura, ao serviço de potências rivais (franceses, ingleses, holandeses). Há que acrescentar também, a presença de estrangeiros em Portugal, como era o caso de franceses e italianos.

Dada a quase inexistente defesa e resistência a actividade do corso intensificou-se nas ilhas de Cabo Verde e em particular na de Santiago. Podemos dizer que os seus portos passaram a funcionar como bases para os corsários.

Em de 1580, algumas medidas de defesa foram levadas a cabo, mas nessa época a insegurança era tanta, que a própria vida da população estava em causa, por isso, a Coroa portuguesa optou por tomar algumas medidas que se resumiam em “ (...) reter a fuga de informações e experiências, evitar e dificultar os ataques, organizar a defesa militar”<sup>13</sup>.

A combinação de vários factores -desvio do tráfico, ataques dos corsários, alto custo de vida e o clima doentio da cidade -fez da Ribeira Grande uma cidade em ruínas. O padre Jesuíta, Sebastião Gomes descreveu (1627), assim, a situação da 1ª capital de Cabo Verde: “/.../ A casaria da cidade tirando algumas casas de sobrado, que são poucas e pequenas, todos o mais é terreno, de pedra e barro, com casas palhoças estresachadas, /.../, e de novo nada se faz, antes tudo vai caindo cada vez mais, porque pera edifício a maior parte das cousas ha de vir de Portugal /.../, e como não há comércio, nem aqui podem vir navios de estrangeiros, há muita falta de tudo, e custão as cousas (quando as há) quando menos o dobro, e de ordinário muito mais daquilo que custão em outras partes /.../”<sup>14</sup>.

A estruturação da sociedade santiaguense que tinha como base de sustentação o trabalho escravo condicionou muito cedo a dispersão da população -forros e escravos

---

<sup>13</sup> BALENO, Ilídio Cabral, Pressões Externas. Reacções ao Corso e à Pirataria, in *História Geral de Cabo Verde. Vol. II*, ob. cit., p. 131.

<sup>14</sup> CABRAL, Iva, Ribeira Grande: Vida urbana, gente, mercancia, estagnação, ob. cit., p. 272.

fogões -para o interior, que se instalaram nos montes e vales de difícil acesso. Causas várias estão subjacentes a este fenómeno. A forma como estava estruturada a então sociedade constituiu condições favoráveis para que esse tipo de povoamento se efectuasse. Uma pequena elite de cor branca dominando a massa de escravos que foram expropriados da família e da terra que os viu nascer e que nunca aceitaram passivamente a condição de cativo em que viviam. Deste modo, uma das alternativas para escaparem a essa forma de vida era fugir em direcção ao interior.

Com a fuga dos escravos para os montes, a escolha de um lugar em detrimento do outro não era aleatória. Essa forma de povoamento prende-se com a necessidade de defesa. Fixar no cimo de um monte constituía uma forma de defesa, porque bastava só enrolar pelas encostas os penedos para se auto-defenderem.



Habitação de meia Encosta, Picos, 1964 <sup>15</sup>



Habitação dispersa, Picos, 2005 <sup>16</sup>

A sociedade escravocrata proporcionou a formação de um tipo de povoamento disperso no interior da ilha de Santiago que perdura até hoje. Por um lado, este tipo de povoamento foi o resultado das condições orográficas e da fuga dos escravos no sentido de se auto-defenderem, principalmente, no momento da chegada dos navios piratas, em que os próprios senhores incitavam os escravos a fugirem. Por outro lado, a própria forma como vieram a ser distribuídas as terras nos finais do século XIX, com a queda da sociedade escravocrata e a falência dos proprietários por carência de mão-de-obra para manter a produção das terras, dos engenhos e das pequenas indústrias de panos.

A ilha de Santiago não possuía (nem possui) recursos naturais para além da água (que também não é muita), por isso com o desinteresse da Coroa portuguesa perante o

---

<sup>15</sup> CARREIRA, António, ob., cit., (documentário fotográfico, fig. 1)

<sup>16</sup> Fotografias (todas) tiradas pelo autor: Emanuel de Jesus M. V. Fernandes

declínio do comércio o único recurso que ficava aos moradores era a prática da agricultura. A este propósito António Correia e Silva afirma que “...quando nos abeiramos do mapa de Santiago, apercebemo-nos de que a assimetria demográfica se correlaciona em alto grau com a estrutura de repartição geográfica dos recursos naturais nomeadamente a água, /.../a população tende a fixar-se nos lugares de maiores potencialidades agrícolas e a fugir daqueles onde estas são diminutas”<sup>17</sup>. Isso leva-nos a afirmar que a água constituiu um factor de fixação da população no interior de Santiago.

Mesmo vivendo na cidade, a população urbana dedicava-se às actividades agrícolas para se alimentar e para abastecer os forasteiros que paravam, temporariamente, ali para comerciarem. Todavia a elite possuía, no interior da ilha, espaços agrícolas com escravos como mão-de-obra cuja produção servia para aumentar o seu poder económico através do cultivo de algodão; da cana-de-açúcar e da sua transformação em aguardente e açúcar; do milho que constituía a base alimentar para os escravos e pobres.

No tempo das chuvas os vizinhos da Ribeira Grande iam para as suas propriedades no centro da ilha. “Os antigos armadores e seus descendentes, que sempre foram também proprietários rurais, dedicam-se cada vez mais às suas fazendas do interior da ilha, que se tornaram, por falta de possibilidade de comércio com a costa, as fontes de onde provinham os meios que alimentavam o novo grupo dominante da cidade da Ribeira Grande: os proprietários rurais”<sup>18</sup>.

No interior os recursos hídricos determinaram a estrutura do povoamento em termos do ordenamento social do espaço. Todavia, “Toda a “ilha-adentro” é estruturada em função das linhas de distribuição de recursos hídricos /.../, as ribeiras vão-se constituir em principais vectores de povoamento. /.../, são nelas que se fixam os “vizinhos” mais ricos e poderosos da ilha /.../”<sup>19</sup>. Nessas regiões são criadas um conjunto de infra-estruturas produtivas (fazendas, igrejas) e úteis a essa população.

---

<sup>17</sup> SILVA, António Leão Correia e, “A Sociedade Agrária, Gente das Águas: Senhores, Escravos e Forros”, in *História Geral de C. Verde*, vol II, ob. Cit., p.280.

<sup>18</sup> CABRAL, Iva, “Ribeira Grande: Vida Urbana, Gente, Mercancia”, Estagnação, *ibidem*, p. 264.

<sup>19</sup> SILVA, António Leão Correia e, “A Sociedade Agrária, Gente das Águas: Senhores, Escravos e Forros”, in *História Geral de C. Verde*, vol II, ob. Cit., p. 284.

Sendo uma sociedade escravocrata essas construções serviam os interesses dos proprietários (ladinizar e explorar).



Fazenda nas ribeiras dos Leitões/ Achada Igreja, 2005



A igreja dos Picos, 2005

A igreja para além da função religiosa (celebração da missa, «ajudar a bem morrer») actuava em outros domínios tais como: o “ /.../ de registos cartoriais, das actividades lúdicas e educacionais, o exercício de controlo social, gestão dos conflitos de classe”<sup>20</sup>. Isso mostra-nos a grande amplitude de poderes que tinha o cura da freguesia.

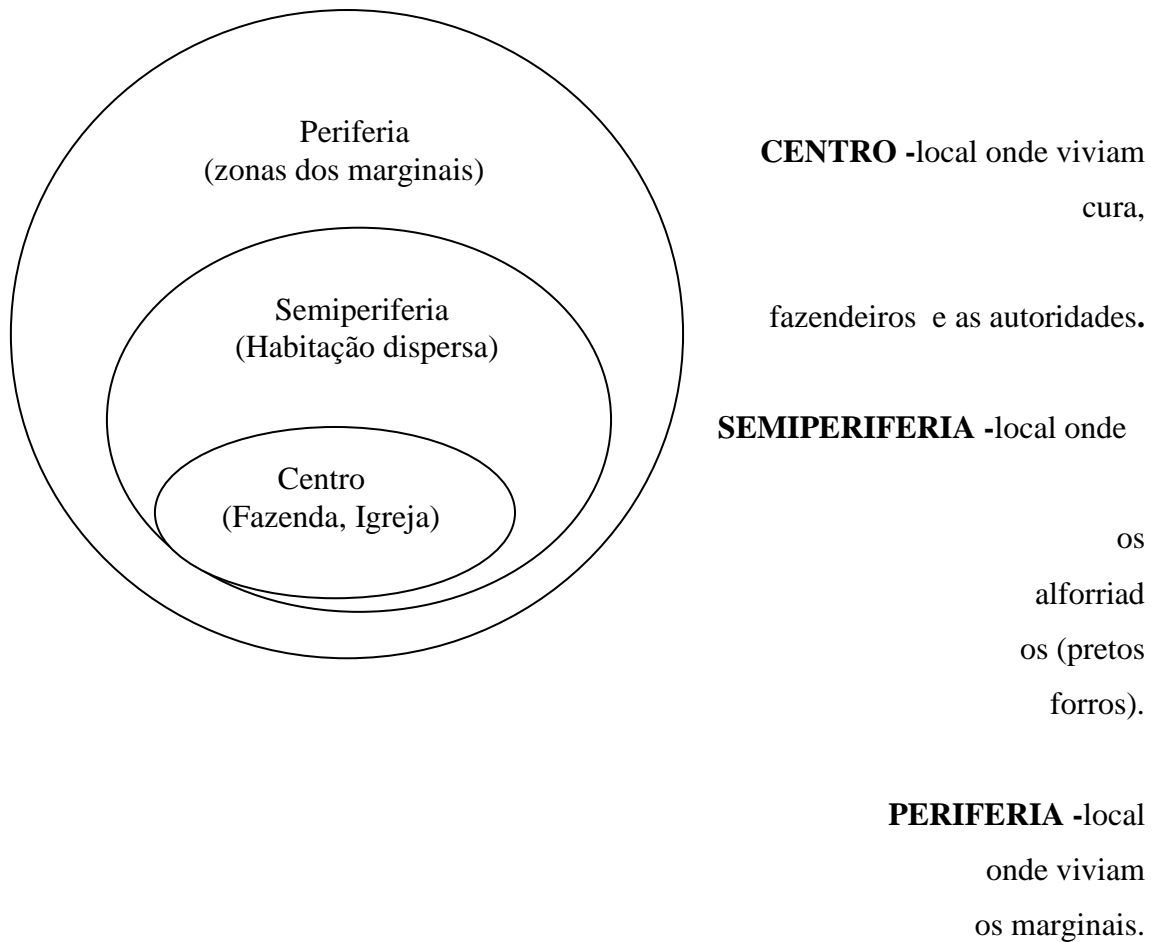
A escolha do espaço, não era feita aleatoriamente, mas sim era nutrida de uma certa lógica. Pode-se constatar que a escolha de um espaço em detrimento do outro devia -se ao estatuto que cada pessoa ocupava na sociedade. Por isso, podemos analisar que à volta do local onde faziam a agricultura e a produção dos engenhos, onde se fixam a igreja, estavam os «grandes»: os senhores das fazendas, sua escravaria e a gente de serviço. Nos cutelos “/.../ ergue-se /.../ uma manta retalhada de habitat disperso e marginal. Esta compõe-se, na sua maioria, de pretos forros. Terras pobres e marginais para homens igualmente pobres e marginais”<sup>21</sup>. Nas serras encontravam-se os espaços marginais onde viviam, os escravos fugidos, os amadores das cadeias, os perseguidos pela justiça

---

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 285.

<sup>21</sup> Idem, ibidem.

### Modelo da distribuição da população no interior



Como já foi dito a formação da população da “ilha-adentro” deve-se, principalmente, à manumissão dos escravos. Este processo iniciou-se muito cedo, embora em pequena escala, mas, paulatinamente, começou a ganhar terrenos. Adicionalmente e em simultâneo à alforria encontrava-se a fuga dos escravos para os montes. Segundo Carreira a formação da população do interior “/.../ não teve por base apenas elementos espontaneamente manumitidos. /.../, para ela concorreram muitos escravos fugidos para os montes, umas vezes em consequência do ataque de piratas estrangeiros, outras para se esquivarem aos maus-tratos dos senhores ou mesmo pela natural tendência para a reconquista da sua liberdade. /.../ já nos meados do século XVI



os “homens baços e pretos” de Santiago, em carta para o Rei, aludiam à quantidade de escravos disperses no interior da ilha /.../”<sup>22</sup>

A fuga dos escravos para os montes trazia grandes prejuízos a seus proprietários, não só por perderem a sua propriedade (o escravo) mas também por ficarem sujeitos a roubos feitos por esses mesmos escravos fugiões.<sup>23</sup> Essa fuga dos escravos proporcionou um clima de instabilidade no campo. Associada à essa instabilidade estava a grande perda sofrida pelos proprietários rurais, sobretudo a partir do momento em que pano se transformou na mercadoria principal de troca para a compra dos escravos. Para fazer face aos problemas relacionados com a fuga dos escravos criou-se “/.../ lugares de “capitão de campo” e de “meirinho da serra” /.../”<sup>24</sup>. Estes tinham a “/.../ obrigação não só de prenderem os fugitivos mas também aquelas pessoas que os ocultarem e forem autores de semelhantes fugas”<sup>25</sup>.

Para além dos escravos outros, também, viam o interior como um lugar de abrigo. Segundo António Carreira “/.../ não eram só os negros que fugiam para os montes a escapar às sanções, por crimes leves ou graves. Também o faziam os criminosos “fôrros” e brancos, uns por serem pobres, outros por não terem apelado a tempo das condenações. Uns e outros avolumavam a onda de fugitivos para o campo”<sup>26</sup>. Os montes e o interior não desempenharam apenas e unicamente a função de lugar de abrigo aos escravos fugitivos e aos incriminados pela justiça. Nas épocas das grandes fomes que dizimaram muitas pessoas, na maioria escravos e alforriados pobres, essas regiões proporcionaram mecanismos de sustento, dada à quantidade de água existente na região. O contraste existente entre o clima do litoral e do interior motivou a ida para este último de muitos brancos. António Correia e Silva explicita que “contrariamente às baías do sul da ilha, onde se situam os portos principais -dentre os quais se destacam os da Praia e os da Ribeira Grande -o interior, abrigado de ventos do sul, menos exposto às calmarias, e sujeito aos alísios de nordeste, constituía um espaço muito mais sadio aos europeus do que a cidade”<sup>27</sup>.

---

<sup>22</sup> CARREIRA, António, ob. cit., p. 346.

<sup>23</sup> Idem, Ibidem.

<sup>24</sup> A. H. – - Cabo Verde – Papeis avulsos (1808-1812). Cx.ª nº50. Ofício do Governo D. António Coutinho de Lencastre, in António Carreira, ob. cit., p. 347.

<sup>25</sup> Idem, ibidem.

<sup>26</sup> Idem, ibidem.

<sup>27</sup> SILVA, António Leão Correia e, “A Sociedade Agrária, Gente das Águas: Senhores, Escravos e Forros”, in *História Geral de C. Verde*, vol II, ob. Cit., p. 277.

O surgimento da classe dos “libertos” está relacionado com o medo que a elite possuidora dos escravos tinha do “após a morte”. Libertar os escravos constituía para os senhores um meio para a salvação divina. Assim, a atribuição das cartas de alforria em testamento para atenuarem e expiarem os pecados da classe possuidora, avolumou a classe de forros. O surgimento dos forros acelerou o povoamento do interior da ilha Santiago. Estes últimos recusavam-se a se submeterem aos trabalhos nas fazendas dos proprietários (brancos, pretos livres e mulatos) e ficavam a vadiar no interior, daí a origem do nome “badios”. Os ataques dos piratas foram uma das principais causas do povoamento do interior, criando funcos nos «cutelos» ou «fios de cutelos» e nas gargantas dos vales. Segundo Carreira “ /.../ é a fuga de escravos e mesmo de “forros” das fazendas ou povoados do litoral para o interior como meio de defesa contra ataque dos piratas”<sup>28</sup> que fez com que aparecessem essas “ oito freguesias” no interior de Santiago com um número considerável da população.

Segundo Correia e Silva, a população total do interior agrário podia ultrapassar a cifra dos doze mil, mas como não havia registo por insuficiência das instituições do Estado, pode-se considerar que a população era a seguinte no início do século XVII:

Tabela I<sup>29</sup>

<b>Paróquias/freguesias</b>	<b>Almas</b>	<b>%</b>
Santa Catarina do Mato	3.137	35,33
Santiago (Ribeira Seca)	1.913	21,54
São Nicolau (Ribeira de S. Domingos)	1.216	13,69
S. Jorge dos Picos (Ribeira dos Órgãos)	850	9,57
São João Baptista (Ribeira do António)	795	8,95
Santo Amaro (Ribeira do Tarrafal)	400	4,5
S. Miguel (Ribeira dos Flamengos)	360	4,5
Nossa Senhora da Luz (Ribeira de Alcatrazes)	207	2,33
Total	8.878	100%

Analisando o quadro a cima pode-se concluir que Santa Catarina do Mato, no centro da ilha, possuía um maior número de habitantes que as outras freguesias do interior. Esse número elevado da população prende-se com a abundância de água e clima suave de seus vales, montes e planaltos. “ /.../ O planalto de Santa Catarina,

<sup>28</sup> CARREIRA, António, ob. cit, p. 353.

<sup>29</sup> Silva, António Correia, “A Sociedade Agrária. Gentes das águas: Senhores, Escravos e Forros”, ob. cit., p. 279

beneficiado /.../ de elevada altitude, é, também ele, ladeado por um conjunto de ribeiras expressivas e abertas /.../”<sup>30</sup>, que possibilitaram a sobrevivência de uma população rural que vivia graças à prática de agricultura.

## **2. A TRANSFÊNCIA DA SEDE DA RIBEIRA GRANDE PARA OS PICOS E O SEU IMPACTO PARA O DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR DE SANTIAGO**

### **2.1. HISTÓRIA DE SANTA CATARINA**

Santa Catarina é um Concelho localizado no centro da ilha de Santiago, entre a Serra de Malagueta e Pico de Antónia Genovês, duas grandes elevações com cerca de 1392 e 1063 metros de altura respectivamente. Essas duas elevações proporcionam à ilha condições indispensáveis para a prática de agricultura, dado a quantidade de precipitações que cai ali.

Assim, a forma de distribuição da população em Santa Catarina deve-se por um lado a forma de relevo proporcionada pelo monte do Pico da Antónia que através dele origina vales e ribeiras que descem, divergindo em muitas direcções, para o mar. Nesta óptica, a Serra de Malagueta proporcionou também, à semelhança do monte Pico da Antónia, um

---

<sup>30</sup> Idem, ibidem, p. 280.



Catarina /.../ ”, ainda que não houvesse, nessa altura um diploma régio que sancionasse essa transferência<sup>32</sup>.



Então cartório e escola  
em casa de Alfredo Freire

Picos,

da Fonseca Chão de Taberna

Picos, 2005



Uma das residências  
dos descendentes portugueses

Picos, 2005



As então residências  
e casa comerciais,

2005

Senna Barcelos diz que foi o mesmo Manuel António Martins que além de propor ao governo a mudança da capital para Boa Vista, a qual não foi aprovada, “/.../ criou o Concelho de Santa Catharina, com sede nos Picos, em substituição do antigo da Ribeira Grande, que ficou pertencendo ao da Praia”<sup>33</sup>.

Assim, ficaram a pertencer ao novo Concelho “/.../ as freguesias de Santa Catarina, São João Baptista, São Salvador do Mundo, São Miguel e Santo Amaro Abade” e ao Concelho da Praia “as freguesias de Nossa Senhora da Graça, Santíssimo Nome de Jesus, São Nicolau Tolentino, Nossa Senhora da Luz, Santiago Maior, e São Lourenço dos Órgãos”<sup>34</sup>.

O interesse em transferir a capital para a ilha da Boa Vista (1832) e para S. Vicente (1850) fez com que fosse “ /.../ enviada uma representação ao Governo de sua majestade /.../, pedindo a fixação definitiva da sede do Governo da Província na vila da

<sup>32</sup> VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa Rita Vieira, *A Vila de Assomada*, Editado pela Associação dos Amigos do Concelho de Santa Catarina, Praia, 1993, p. 14.

<sup>33</sup> BARCELLOS, de Senna Christiano, *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, parte IV, Lisboa, Academia Real das Ciências de Lisboa, 1899, p. 21.

<sup>34</sup> VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa Rita Vieira, ob. cit, p. 15.

Praia, com aproveitamento de um local saudável no Concelho de Santa Catarina para tempo das águas”<sup>35</sup>.

Com a criação do Concelho de Santa Catarina com sede nos Picos o Governo teve consciência da necessidade de se construir uma estrada que ligasse essa região à Capital<sup>36</sup>. A construção dessa estrada visava também, dar empregos uma vez que o reinício das obras só era efectivado nos momentos de crise agrícola para dar trabalho a uma população que morria de fome. A construção dessa estrada foi interrompida em 1867. O seu traçado foi feito sem um estudo apurado, tinha apenas 5 a 6 metros de largura e muitas e difíceis inclinações que dificultavam os transportes por carros.<sup>37</sup>



Estrada Praia / Picos, já  
reestruturada, 2005

Enquadrado na História de Santa Catarina há que se referir ao modo de vida em que estavam sujeitos a mão-de-obra escrava e os rendeiros no período pós criação do concelho de Santa Catarina até a data oficial da abolição da escravatura (1878). Os escravos estavam sujeitos a maus-tratos que iam desde trabalho duro aos castigos corporais (chicote e o tronco). Essa condição de vida provocou desde muito cedo a sua fuga para as serras de Santiago. Nessas fazendas havia uma multiplicidade de actividades: pastorícia, agricultura, produção de açúcar e aguardente. Segundo Correia e Silva, “ /.../ a ribeira de Águas Belas, na qual se instala a Fazenda dos Mosquitos, passa a ser designada por ribeira dos Engenhos pelo facto de ali haver estes complexos instrumentos de processamento de cana”<sup>38</sup>.

---

<sup>35</sup> Idem, ibidem.

<sup>36</sup> BARCELLOS, de Senna Christiano, ob. cit., parte VI, pág.13.

<sup>37</sup> Em 2003 o executivo de José Maria Neves propôs investir na reconstrução dessa mesma estrada. Só que desta vez inicia-se a reconstrução a partir de São Domingos até a Cidade de Assomada, nessa primeira fase. Numa segunda fase está proposto o início de asfaltagem desde o ponto de Vila Nova até São Domingos.

<sup>38</sup> SILVA, António Leão Correia e, ob. Cit., p. 302.

As revoluções liberais internacionais como a Revolução Francesa (1789), a fuga da família real portuguesa para o Brasil (século XIX), a independência das colónias europeias no continente americano (século XVIII e XIX - descolonização branca), o movimento das lutas de classes que provocou o surgimento do sindicalismo e das ideias socialistas (século XIX) tiveram um grande eco no nosso país. Segundo Carreira os “/.../ escravos, a partir de determinada época (mais acentuadamente depois de 1820), seja por informações chegadas até eles, seja por mero instinto, devem-se ter apercebido de que algo se passava em relação à instituição. Viviam desconfiados”<sup>39</sup>. Assim instalou-se em Cabo Verde um clima de instabilidade na primeira metade do século XIX como as “sublevações da tropa e de degredados, seguidos ou não de saques e de assassinatos, ou apenas incitamentos à desobediência às autoridades, e revoltas de escravos /.../”<sup>40</sup>.

Os degredados que eram expulsos do reino por crimes variados acabaram por provocar ainda mais o clima de desordem e instabilidade.

Os donos de fazendas e de escravos e as autoridades eram senhores todopoderosos. Segundo Carreira: “O comportamento das autoridades e dos senhores /.../ deixava muito a desejar. Os “coronéis” do interior viviam à margem das leis e da ordem. Prendiam, amarravam e espancavam escravos e pretos livres, confiados na pouca, ou nenhuma, força das autoridades constituídas”<sup>41</sup>.

As medidas tomadas para a extinção da escravatura, acabaram por provocar efeitos no arquipélago de Cabo Verde. Não se sabe, exactamente como chegou, isto é, desconhece-se a esfera da sua penetração. Assim, “em 1822 os moradores da Ribeira de Engenho, na ilha de Santiago, revoltaram-se contra as prepotências do “coronel” Domingos Ramos, administrador do vínculo do Engenho. /.../ Os próprios rendeiros do vínculo apresentaram queixa contra o aludido “coronel” acusando-o da prática de violências e vexames na cobrança das rendas e, para tanto, solicitaram que fossem feitas averiguações para determinar a sua responsabilidade”<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> CARREIRA, António, ob., cit., p. 335.

<sup>40</sup> Idem, ibidem, p. 336.

<sup>41</sup> Idem, ibidem.

<sup>42</sup> Idem, ibidem, p. 339.

O clima de marginalidade era evidente em Cabo Verde e no interior de Santiago. A “/.../ 13 de Janeiro de 1841, cerca de 300 rendeiros de Nicolau dos Reis Borges /.../ convocaram as gentes das redondezas da propriedade da Achada Falcão, para proclamar a recusa de pagamento das rendas, cujo recebimento aquele proprietário preparava. /.../ Marcharam até ao portal da tapada e ali deram vivas por não haver já Morgados e porque as terras que tinham cultivado eram suas; /.../”<sup>43</sup>. Estavam armados, uns com facas, outros com cacetes (manducos). Todavia, não havendo mecanismos para ultrapassar essa situação, Reis Borges, ameaçado de morte, abandonou a propriedade e dirigiu-se à vila da Praia onde pediu socorro. Chegou no dia 17 à noite, acompanhado do presidente da Câmara Municipal de Santa Catarina, Manuel Tavares Homem.

As sublevações ocorridas em Santiago e no Fogo fazem parte das revoltadas registadas no século XIX em todo o mundo escravocrata do Atlântico “as prepotência, os levantes, os períodos de luta armada ou apenas de tensão, sucederam-se por essa altura nas Antilhas, na América central, do sul e do norte, em toda a parte em que a estrutura socio-económica se baseava no trabalho escravo”<sup>44</sup>.

## **2.2. AS DIVERSAS TRANSIÇÕES DO CONCELHO DE SANTA CATARINA**

A criação do Concelho de Santa Catarina com sede nos Picos (freguesia de São Salvador do Mundo) incentivou o processo de desenvolvimento do interior de Santiago.

---

<sup>43</sup>Idem, ibidem, p. 345.

<sup>44</sup> Idem, ibidem, p. 346.





Monte Gululância visto de  
Cacheu / Achada Igreja, 2005



Residência da família de Amílcar  
Cabral, Achada Falcão, 2005



Porto da Ribeira da Barca, 2005

Os presidentes do Concelho de Santa Catarina eram escolhidos entre os proprietários rurais aí residentes e por serem poderosos criaram as condições para o exercício de suas funções nas suas fazendas isto porque “ as reuniões da Câmara, faziam-se nas casas dos Presidentes, que assim serviam de Paços do Concelho: na Ribeira da Barca (1845), na Casa Grande dos Picos (1845), nos Flamengos (1846-1849), nos Picos (1851 a 1857), na Achada Falcão, em Carreira”<sup>45</sup>. Assim, paulatinamente construiu-se as infra-estruturas necessárias para fazer face às necessidades da população e ao funcionamento do concelho.

Por conseguinte é de realçar que o desenvolvimento de Santa Catarina e do interior de Santiago, nos primeiros tempos se deve aos poderes dos proprietários.

---

<sup>45</sup> VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa Rita, ob. cit., p. 26.

Para a sede do Concelho foi expropriado o terreno, em Achada Falcão, pertencente a Manuel dos Reis Borges (grande proprietário). Entretanto, “apesar /.../de se ter lançado a primeira pedra em 18 de Janeiro de 1861 e de terem sido encomendados os materiais para os edifícios públicos, tudo isso foi abandonado em 1869, sendo a sede fixada no Tarrafal”<sup>46</sup>. Essa decisão foi tomada por proposta feita pelo próprio Manuel dos Reis Borges que queria estar a vontade, isto é sem a presença das autoridades no centro da sua propriedade.

O Presidente da Câmara de Santa Catarina anunciou a 8 de Maio de 1869 que a partir do dia 10 do referido mês, o Mangue do Tarrafal ficava como sede do Concelho, e que nesse mesmo dia, se faria a mudança das diferentes repartições<sup>47</sup>. Todavia, os funcionários tinham que se adaptar às más instalações, e mais, tinham que suportar a malária pelo facto da insalubridade da região.

A transferência da sede para Tarrafal constitui um facto importante para o desenvolvimento do norte de Santiago uma vez que permitiu a construção das infra-estruturas necessárias e o início da construção da estrada que liga Assomada/ Tarrafal.

O poderio dos proprietários e a disputa entre a população de Assomada e do Tarrafal, pela localização da sede do concelho, foram factos que determinaram a dialéctica das diversas transferências. Por conseguinte, se a transferência da sede de Assomada para Tarrafal foi uma artimanha do proprietário, Manuel dos Reis Borges, para ver fora da sua propriedade as autoridades, para assim poder melhor explorar os rebanhos, a transferência do Tarrafal para a Assomada foi uma iniciativa do Dr. Santa Rita Vieira em 1912. Este em nome da população de Santa Catarina fez grandes esforços para a criação da vila de Assomada, “/.../cedeu parte das suas terras, a um baixo custo, para a futura vila. Fez mais: Construiu um edifício de aluguer, onde passou a funcionar a Câmara Municipal e a Administração do Concelho e outro para a escola primária”<sup>48</sup>, para ver as suas aspirações realizadas -Assomada como sede do Concelho de Santa Catarina.

---

<sup>46</sup> Idem, ibidem, p.27.

<sup>47</sup> Boletim Oficial de Cabo Verde, nº 20 (1869).

<sup>48</sup> VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa Rita, ob. cit., p. 42.

O Concelho de Santa Catarina que era, inicialmente, composto por 5 freguesias, (Santa Catarina, São João Baptista, São Salvador do Mundo, S. Miguel e Santo Amaro Abade), em 1872 fica apenas com 3 freguesias, isto quando pelo decreto de 20 de Junho do mesmo ano as freguesias de S. João Baptista e São Salvador do Mundo passaram a fazer parte do Concelho Praia<sup>49</sup>.

Essa transferência deve-se, por um lado, ao poderio dos proprietários dessas duas freguesias que, descontentes pela transferência da sede do Concelho para o Tarrafal, solicitaram ao Governo provincial a integração das suas freguesias no Concelho da Praia. Por outro lado, essa transferência deve-se ao facto do Concelho de Santa Catarina possuir maior número de população do que o da Praia e era necessário um equilíbrio populacional entre essas regiões. Outro facto estava subjacente a essa transferência: por exemplo, para ir dos Picos ao Tarrafal era mais difícil do que ir à Praia uma vez que desde 1855 o Governador-geral deu os primeiros passos para a construção de uma estrada que ligasse a região dos Picos à capital.

Dada a crescente procura do interior criaram-se vias de comunicação capazes de fazer face aos constrangimentos. Assim em 1859 (portaria 140 de 17 de Maio de 1859, B.O. nº 48) decidiu-se abrir a estrada que ligava a Praia ao Concelho de Santa Catarina que iria passar pelo Jangotó. A abertura dessa estrada constituía um imperativo necessário para fazer face às necessidades da população do interior, aos viajantes e proprietários que viviam na Praia, mas que tinham que se deslocar ao interior para controlar as lidas das suas fazendas.<sup>50</sup> No mesmo mês, decidiu-se também, a construção do caminho da Achada Falcão para o porto da Ribeira da Barca e a edificação da casa Municipal do Concelho de Santa Catarina. (B.O., nº 49 de 1859)

A construção da estrada Achada Falcão ao Porto de Ribeira da Barca foi importante para a criação de um porto estratégico no Concelho que viria a servir como depósito de géneros e de produtos agrícolas. Pois, “ (...) é um porto de mar que, sem ter a amplitude do porto do Tarrafal, em todo o caso satisfaz, por completo, as necessidades da região que serve. Ali fundeiam embarcações de pequeno e grande calado, sendo

---

<sup>49</sup> Boletim Oficial de Cabo Verde, nº 29 (1872).

<sup>50</sup> Boletim Oficial de Cabo Verde, nº 48 (1859).

também um porto de escala dos vapores da Empresa Nacional de Navegação que fazem a carreira Lisboa-Guiné Cabo Verde”<sup>51</sup>.

Com a permissão do Arquipélago de Cabo Verde de fazer a importação os portos da Ribeira da Barca e do Tarrafal conheceu uma nova dinâmica. Pois, a “ Ribeira da Barca distante duas léguas, aproximadamente, da Achada Falcão será sempre, pela sua proximidade do centro da ilha, um ponto procurado para depósito de géneros e produtos agrícolas, (...) ”<sup>52</sup>.

O relatório das obras Públicas da Província de Cabo Verde (do ano de 1860, nº 74 de 1860 pág. 352) enaltece a importância das obras públicas, nomeadamente a estrada Praia/ Santa Catarina, para o desenvolvimento do interior de Santiago. Segundo o relatório a estrada em apressa, a mais importante do arquipélago, que iria cortar a ilha de Santiago de norte a sul, muito concorrerá para o desenvolvimento da agricultura, facilitando a circulação comercial e proporcionando uma cómoda viação aos seus habitantes. Durante o primeiro semestre desse ano, a obra (estrada Praia/ Santa Catarina) tinha um número médio de 53 operários empregados diariamente.

A fama de insalubridade e do perigo de doenças pesou muito a quando da necessidade da transferência da sede do Tarrafal para a Santa Catarina. A disputa pelo protagonismo no interior de Santiago entre o Tarrafal e Santa Catarina contribuiu para o desenvolvimento dessas duas freguesias. Essa disputa só se atenuou com a criação desses dois concelhos autonomamente em 1917 (por decreto 3108-B de 25 de Abril, publicado no suplemento nº3 ao B.O. nº25/ 1917).

Com a transferência da sede do Tarrafal para Assomada em 1912, esta última acabou por conhecer uma nova dinâmica. Foram construídos: o mercado municipal em substituição do mercado de Cutelo, (inaugurado em 1931), a enfermaria regional, edifícios para instalação das repartições públicas, a igreja de Nª Sª de Fátima, o edifício da Repartição da Fazenda.

---

<sup>51</sup> VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa Rita, ob. cit, p.41

<sup>52</sup> Idem, ibidem, p.36

A partir de 1971 o Concelho de Santa Catarina passou a ter duas freguesias (Santa Catarina e S. Salvador do Mundo) com uma área de 243 km<sup>2</sup> e com 70 zonas. Segundo os dados da DGE em 1990, Santa Catarina tinha uma população de 41584 habitantes sendo a freguesia de Santa Catarina 78% e a freguesia de S. Salvador do Mundo 22%. De acordo com essa estatística, a população do sexo feminino era de 56% e do sexo masculino de 44%<sup>53</sup>. Essa desproporcionalidade entre a camada masculina e a feminina deve-se, por um lado à migração interna e à emigração dos homens. Como sabemos a população de Santa Catarina aspira a emigrar, e prova disso são as construções feitas pelos emigrantes no centro da Cidade de Assomada. As aspirações, e muitas vezes a falta de alternativas são causas que estão subjacentes a essa dinâmica emigratória. Podemos constatar que o concelho de Santa Catarina é um concelho rural visto que tem 38470 pessoas a viver no meio rural o que corresponde a 92% da população e 3114 pessoas a viver no centro urbano (cidade de Assomada) correspondendo a 8% da população o que confere a uma densidade populacional de 171 habitantes por km<sup>2</sup>. Assim, nota-se que a população de Santa Catarina é dispersa e jovem<sup>54</sup>.

De acordo com as Grandes Opções do Plano combater as assimetrias campo/cidade no que respeita ao acesso ao emprego, aos bens colectivos, ao saneamento básico, à saúde, energia, à educação e aos transportes e comunicações são imperativos para a integração de Santa Catarina numa nova dinâmica de desenvolvimento de Cabo Verde.

### **2.3 - UMA ANÁLISE HISTÓRICA DOS PICOS (1834-1971)**

Picos uma localidade no interior de Santiago tem uma população residente (segundo o censo de 1990) de 9.172 pessoas, sendo 4.148 de sexo masculino e 5.024 de

---

<sup>53</sup>Revista Santa Catarina. Diagnostico da situação sócio-económica, Junho 2000, p. 6.

<sup>54</sup> Boletim Oficial de Cabo Verde, nº 48 (1859).

sexo feminino. Outrora já fora a sede não oficial da ilha por iniciativa de Manuel António Martins então administrador geral da urzela.

Possui um magnífico monte quase no centro da freguesia que é conhecido por monte Gululância, no norte se encontra o ponto mais alto de Santiago - Pico de Antónia com Adão e Eva -duas figuras sobrepostas.



Monte Gululância visto de Ponta,  
Achada Igreja, 2005

De bicicleta pode-se visitar os numerosos artesãos em Picos Acima, em Leitão Grande, em Leitão Zinho em Achada Leitão em Manhanga, em Pico Freire e em Aboboreiro nas suas pequenas oficinas de produção de cestarias e esteirarias.

Mesmo tendo como actividade económica a agricultura, a criação de gado, o artesanato do ferro e da cestaria, a população dos Picos não escapou à violenta fome de 1947. Numa carta de 8 de Novembro de 1947<sup>55</sup> Bento Levy, chefe do serviço interino, alude e questiona o porquê de algumas freguesias Concelho da Praia terem uma taxa de mortalidade muito inferior ao que se verifica noutras, quando as economias das populações (próprias e proporcionadas pelo Estado) são perfeitamente equivalentes. O administrador do Concelho da Praia diz que as razões da fome são as seguintes: famílias compostas por velhos ou mulheres que não tem trabalho ou casais com 5 ou mais filhos de tenra idade. Segundo o mesmo administrador o trabalho do “jornal” não resolvia o problema visto que os trabalhadores ficavam à espera de pagamento mês após mês. Assim, o que alimentava a população dos Picos era os anos de “boa as águas”. A fome de 1947 não foi um fenómeno inesperado, mas sim vinha se prenunciando durante toda a década, tendo o seu auge nesse ano. Das freguesias do Concelho da Praia a freguesia

---

<sup>55</sup> Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, cx. 37 n.º 2/ 50, Administração da Praia, Janeiro de 1950.

onde a mortalidade tem sido maior é na de São Salvador do Mundo<sup>56</sup>. No sentido de superar essa situação, o administrador do Concelho da Praia tentou “abrir” trabalhos nessa freguesia. Essas obras resumiam-se à “reparação de estradas, caminhos e algumas construções.”<sup>57</sup> Por exemplo, em 10 de Março de 1944, numa resposta dada ao Sr. Chefe das Repartições dos Serviços de Estatísticas (nota nº323/10/ 1944) informa -se que na freguesia de S. Salvador do Mundo não havia nenhum serralheiro e que haviam “180 pedreiros, 20 carpinteiros, 20 cabouqueiros, 200 trabalhadores rurais e 200 mulheres para trabalhos rurais.”<sup>58</sup>

Com o aumento de óbitos na freguesia de S. Salvador do Mundo houve necessidade da ampliação do cemitério. Assim, o Administrador do concelho da Praia, António de Sousa Santos, alerta num comunicado ao Regedor da freguesia dessa freguesia para a necessidade de “procurar o pároco da freguesia que tem instruções da Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>a</sup> o Sr. Bispo da diocese para satisfazer o pedido da ampliação do referido cemitério.”<sup>59</sup>

A 4 de Outubro de 1947, o mesmo administrador autoriza uma verba para o calçetamento, e construção de aquedutos, murros de defesa de estradas e diques para a retenção de carrejos e socalcos; para as reparações de caminho Achada Igreja a Achada dos Leitões e para a assistência e beneficência à população<sup>60</sup>.

A crise de 1947 foi uma crise provocada por falta de recursos financeiros, de alimentos, de trabalho, pela falta das substâncias nutritivas nos alimentos e pelo atraso no pagamento dos “jornais”.

Na sequência da necessidade de instruir e de educar a população dos Picos, foi construído um “Posto Escolar”.

---

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> A.H.N., cx. 37 n.º 144/ 1944, Administração da Praia, 10 de Março de 1944.

<sup>58</sup> A.H.N., cx. 37 n.º 39, ACP (BI), Administração da Praia, relativo às construções públicas realizadas na freguesia de S. S. do Mundo, Outubro / Dezembro de 1947.

<sup>59</sup> A.H.N., cx. 37 n.º 35, ACP (BI), Administração do concelho da Praia, relativo às construções na freguesia de S. S. Do Mundo.

<sup>60</sup> Boletim Oficial de Cabo Verde nº39, Portaria nº 3.488 de 1 de Outubro de 1947.

Em Abril de 1950 o Administrador do Concelho da Praia, Mário dos Santos Pereira num comunicado dirigido ao regedor da freguesia de S. Salvador do Mundo evidencia o seu interesse em desenvolver essa freguesia. Mário dos Santos Pereira mostra interesse em saber todas as “/.../ possibilidades que sejam conhecidas ou dadas a conhecer /.../ sobre o aproveitamento de água para regadio; para a produção de energia; abastecimento de povoações e gados /.../ de modo a poder fazer-se um aproveitamento integral dos recursos hidráulicos /.../, de cursos de água permanentes, das águas subterrâneas e das águas da chuva, indicação e designação das nascentes aproveitáveis /.../ caudal aproximado na época das chuvas e na estiagem, possibilidades de exploração e para que fins; situação das nascentes, quanto à localização e suas cotas; se são públicas ou particulares; qual a sua utilidade actual. No caso de nascentes particulares, indicar que títulos estão na posse destas. Indicação das levadas e tanques de alvenaria hidráulicas; suas dimensões e outras características, áreas irrigadas por essas levadas; relacionar os nomes de todos os proprietários dos terrenos beneficiados e informar qual a situação destes antes da execução das obras referidas. Indicação das levadas e tanques de terra batida e de alvenaria ordinária e semi-hidráulica e quanto a esta alínea solicita-se ainda se digne informar quais os que convém substituir por alvenaria hidráulica. Quais as linhas de água e encostas que seria vantajoso proteger com diques de protecção de carrejos, diques submersos e arretos, para efeitos de correcção do predominante regime torrencial das ribeiras, captação de águas subterrâneas, defesa do solo arável e fortalecimento das nascentes”<sup>61</sup>.

Em 30 de Novembro de 1950 o regedor dos Picos responde ao administrador do Concelho através de uma exposição dizendo que: “/.../ esta freguesia é sem dúvida alguma, rica em água. As ribeiras dos Leitãozinho, Leitão Grande e da Faveta apresentam um caudal apreciável durante a quadra pluviosa, e incalculáveis benefícios prestam à freguesia, quer na irrigação quer no abastecimento de povoações e de gados, pelos meses fora.”<sup>62</sup>

Segundo o mesmo documento “banham elas, na sua passagem, excelentes zonas de terreno arável e não é de admirar que logo em Novembro, reduzido o caudal, o pobre

---

<sup>61</sup> A.H.N, cx. 37, Administração da Praia.

<sup>62</sup> Ibidem.



lavrador, na ânsia de melhorar as suas condições de vida, se entrega afanosamente à lavoura, transformando com o seu trabalho persistente tudo em hortas.”<sup>63</sup>

O regedor evidencia, a necessidade de construções de diques submersos e impermeáveis, de bebedouros e lavadouros e dá como exemplo: o “/.../ dique impermeável da Ribeira dos Leitões, construído durante a última crise, que infelizmente não pôde resistir às últimas cheias de Setembro, concorreu altamente para que as propriedades por ele beneficiadas nunca faltasse água para a irrigação”. Por outro lado, apresenta as zonas da freguesia que possuem nascentes aproveitáveis

**Tabela II – O número de nascentes na freguesia de S. Salvador do Mundo (Ano 1950)<sup>64</sup>**

<b>Zonas</b>	<b>Nº de nascentes</b>	<b>Nome dos proprietários</b>
Leitão Grande	5	António Bento (4 nascentes); Joaquim Ribeiro (1 nascentes)
Babosa	2	Rodolfo Martins Semedo
Burbur	5	João de Deus Tavares Homem (4 nascentes); João Borges Cabral (1ª nascente)
Fundura	2	João de Deus T. Homem
Boca Larga	1	Manuel da Silva Pereira
Mato Fortes	3	João de Deus T. Homem (2 nascentes); Srs. Levy e irmãos (1ª nascente)
Serelho	3	Manuel R. Varela; Marcos Afonso e outros
Jalalo Ramos	2	Propriedade de diversos
Rebelo	2	Propriedade de diversos

<sup>63</sup> A.H.N., cx. 37, Administração da Praia.

<sup>64</sup> A.H.N., cx. 37, ACP (BI) – Administração da Praia, relativo ao número de nascentes e tanques existentes na freguesia de S. S. do Mundo, Novembro de 1950.

Mato Limão	1	João de Deus T. Homem
Degredo	1	João de Deus T. Homem
Covão Grande	1	João de Deus T. Homem
Pata Brava	2	João de Deus T. Homem
Pico Freire	1	João de Deus T. Homem
Abobreiro	2	José Ribeiro
Picos Acima	6	Carlos Ribeiro
Purgueira	3	Propriedade de diversos
Leitãozinho	5	Joaquim Ribeiro e outros
Achada Igreja	1	Joaquim Correia e outros
Faveta	2	Francisco Marques Ferreira

Com excepção de algumas como é o caso dos de Leitão Grande (apenas 3 que está a dar

água na estação seca), Boca Larga (1 nascente), Patabrava (1 nascente), Burbur (1 nascente), Mato Limão (1 nascente), Picos Acima (1 nascente) e Leitãozinho (1 nascente), essas nascentes, hoje, praticamente não existem. Isso significa que as outras regiões e mesmo as que citamos são abastecidas por camiões cisternas que depositam águas nos chafarizes para as populações.

Essa constatação leva-nos a crer que a água esta diminuindo cada vez mais na região.

**Tabela III – Número de tanques existentes no ano de 1950<sup>65</sup>**

<b>Zonas</b>	<b>Nº de tanques</b>	<b>Proprietários</b>
Leitão	1	António Bento
Achada Igreja	2	Joaquim Ribeiro
Achada Igreja	1	Joaquim Correia
Favela	2	Francisco Ferreira
Mato Forte	2	Levy e irmãos
Pata Brava	1	João de Deus T. Homem

<sup>65</sup> A.H.N, cx. 37, ACP (BI), Administração da Praia, relativo ao número de nascentes e tanques existentes na freguesia de S. Salvador do Mundo, Novembro de 1950.

Leitãozinho	2	Joaquim Ribeiro e outros
Burbur	1	João Borges Cabral
Babosa	1	Rodolfo Martins Semedo

Nos anos 2000 construiu-se mais um tanque em Leitão Grande (e foi restaurado o outro que já existia) para a irrigação, em Chão de Taberna e Picos Acima foram também construídos tanques para, na época da chuva, conservar a água.

Os donos das terras e possivelmente dos tanques foram pessoas que por herança e por compra adquiriram esses prédios rústicas (bens). Nesta óptica, também o regedor se refere aos elevados números de tanques e levadas feitos de terra batida espalhada pela região. Quanto às levadas de cal (massa), não se pode referir neste momento porque ainda não existem.

Sendo Picos uma região acidentada, as nascentes situam-se nas contradas dos montes, isto é, nos vales, e, sendo assim torna-se difícil construir tanques fora dos vales. Ali é o lugar onde passam as cheias e onde se constroem tanques com terra batida para se minimizar as perdas no tempo das cheias.

Nota-se que a freguesia de S. Salvador do Mundo era rica em água. As suas ribeiras de Leitãozinho, Leitão Grande e da Faveta tem um bom caudal durante a época chuvosa, caudal esse que vai diminuindo até que a partir de Março desaparece.

Já que a agricultura é a actividade principal (se não a única) da freguesia podemos constatar que a chuva e, consequentemente a água é a base da produção da população nos Picos.

A partir de 1971 a freguesia de S. Salvador do Mundo é integrada no Concelho de Santa Catarina e constituía uma decisão que se justificava plenamente. Como sabemos o Concelho da Praia estendia até cerca de 4 a 5 km da então vila de Assomada, então seria mais fácil, aos piquenses irem a Assomada tratar assuntos de carácter administrativo, do que ir ao concelho da Praia que ficava a uma distância de cerca de 40 km.

Com a criação do Concelho de Santa Cruz (dec. N°108/1971), algumas zonas (Matinho, Mato Madeira, Serelho, Rebelo) que pertenciam à freguesia de S. Salvador do

Mundo passaram a pertencer ao jovem concelho. Assim, S. Salvador do Mundo veria reduzida a sua importância, com a diminuição da sua dimensão territorial e do número de população. É de salientar que as estruturas como a igreja, a educação, não acompanharam a divisão administrativa da freguesia, criando com isso graves problemas à população.

Perante a luta de libertação nas ex.-colónias portuguesas em África, em particular na Guiné-Bissau foram tomadas algumas medidas para limitar a produção e a conservação de catanas, facas, alfaías agrícolas: Passaram a sancionar os ferreiros de Achada Leitão. Fizeram desses artesãos autênticos reféns açoitando-os publicamente e deportando-os para outras ilhas. O assalto a Achada Leitão em 1971 não foi mais do que o culminar de antecedentes acumulados. Alguns fenómenos políticos e religioso foram sempre muito mal recebidos. O primeiro grande acontecimento deu-se nos anos 40, com a substituição da imagem de S. Salvador do Mundo por outra mais elegante, de cara afiada cor demasiado esbranquiçada; substituição dos padres de batina preta pelos de batina branca; pulverização das casas com DTT; numeralização das casas. Essas medidas surgiram sem nenhuma campanha prévia de esclarecimento às populações mais afastadas -algumas das quais acabaram por se rebelarem.

Nos meados dos anos 70 as autoridades coloniais, desconfiadas, mandaram recolher todas as catanas (machins) aos agricultores que eram temidos por parte das autoridades coloniais.

## **CAPÍTULO II -PICOS: A TERRA E A GENTE**

## **1.PICOS DA INDEPENDÊNCIA À CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO SALVADOR DO MUNDO**

A independência de Cabo Verde trouxe para os Picos inúmeras vantagens entre as quais a liberdade aos ferreiros de produzirem os seus materiais, visto que eram mal vistos pelo poder colonial a ponto de serem perseguidos pela PIDE-DGS.



Mercado, Picos,  
2005



Correio, Picos  
2005



Carita, Picos,  
2005



Telecentro, Picos  
2005



Esquadra da polícia, Picos,  
2005



Repartição do Registo Civil e da  
Delegação Municipal, Picos, 2005

A liberdade de manifestação cultural foi um outro aspecto relevante que a independência trouxe, sobretudo a realização de bailes de gaita, de batuques e tabanca nas diversas localidades da freguesia de São Salvador do Mundo.

No que concerne à elevação da freguesia de Picos à categoria de vila todos os entrevistados são unânimes de que de facto essa medida irá contribuir: para o desenvolvimento da região sobretudo no que tange à aproximação da administração municipal à população, que irá contribuir para a melhoria das condições de vida; para

uma maior responsabilidade no quadro de desenvolvimento regional e um melhor ordenamento do território; para a criação de mais infra-estruturas, etc....

A dinâmica de qualquer região passa pela sua autonomia. Assim, todo o atraso por que passou a região dos Picos deve-se à sua dependência em relação ao concelho de Santa Catarina. Pois, essa constatação não é aleatória é basta analisar os investimentos feitos ali.

### **1.1. A FESTA DE SÃO SALVADOR DO MUNDO**

Os descobridores de Cabo Verde chegaram as ilhas na companhia de missionários, com objectivo de divulgar e pregar a fé cristã.

Desde de muito cedo, o culto às relíquias de São Salvador de Oviedo (Espanha), de carácter local começou a manifestar-se. Do século IX ao século XI essa manifestação adquiriu um carácter internacional com peregrinação a São Salvador e a Santiago de Compostela apoiada pelos reis Afonso IX e Afonso X.

Este protector foi adoptado por vários países do Mundo: em Espanha -Salvador de Oviedo; em Portugal -São Salvador do Monte na Freguesia do Monte; No Brasil -São Salvador do Sul que é um Município do Estado do Rio Grande do Sul/Brasil e São Salvador da Baía, no Estado da Bahia; e talvez na mesma óptica foi a criação da freguesia de São Salvador do Mundo -nos Picos, Concelho de Santa Catarina na ilha de Santiago do Cabo Verde.

Conforme a tradição popular, existe uma lenda segundo a qual a imagem de São Salvador do Mundo apareceu em Achada Igreja lugar onde existia um mato fechado de goiabeira. Levaram-na para aldeia de Ilhéu-Babosa, mas no dia seguinte a imagem

apareceu novamente em Achada Igreja. Esse milagre aconteceu três vezes e foi por isso que construíram a igreja de São Salvador do Mundo no lugar onde ainda se encontra.

Não podemos precisar a data da fundação da Freguesia uma vez que as fontes escritas da Freguesia de São Salvador do Mundo são assentos de batismos e de óbitos e os mais antigos datam de 8 de Abril de 1856 (a 25 de Fevereiro de 1860) e de 25 de Janeiro de 1874 (a 31 de Dezembro de 1876).

A “Notícia Coreográfica e Cronológica de Cabo Verde” informa-nos que o Bispo, Fr. Vitoriano Portuense chegou a Cabo Verde a 17 de Abril do ano de 1688<sup>66</sup>. Foi ele que mandou construir a Igreja da Freguesia de São Salvador do Mundo, nos Picos, adoeceu e faleceu (Janeiro de 1706) deixando-a inacabada com o telhado para cobrir.

Podemos afirmar que a freguesia de São Salvador do Mundo existiu, pelo menos desde o ano de 1706 data da construção da sua Igreja paroquial. Com a construção da Igreja deve se ter implantado a festa de seu patrono. Como disse um dos entrevistadores: “Festa di Nhu Senhor do Mundo dja dia ta fazedu”.

### **1.1.1 A COMEMORAÇÃO DA FESTA ONTEM E HOJE**

A festa de São Salvador do Mundo iniciou-se desde sempre duas semanas (15 dias) após a Páscoa, muito embora haja um entrevistado que disse que antigamente a festa começava 18 dias antes. O que é certo é que o início da festa não tem um dia definido, pois depende do calendário mas calha sempre nos fins-de-semana, uma vez que a Páscoa é sempre no Domingo.

---

<sup>66</sup> Anónimo, (1784), *Notícia Coreográfica e cronológica do bispado de Cabo Verde ...*, (apresentação e notas de António Carreira), Lisboa, Instituto Cabo-verdiano de Livro, 1985. pp. 47 e 48



Entretanto, nos anos 70 o padre da freguesia alterou a data dessa festa, passando a ser celebrada 21 dias depois das Cinzas e 47 dias depois da Páscoa. O objectivo dessa mudança era evitar a grande multidão que fazia com que a festa terminasse sempre com desordens. No entanto, a maioria da população continuou a festejar a padroeira na data tradicional, montando as suas barracas para ali realizarem bailes e fazer negócios.

O passar dos tempos implica transformações, sejam elas vantajosas ou não. Os anos 70 são anos de mudanças: na liturgia feita pelo Concílio do Vaticano II; do regime colonial em favor da independência. As reformas feitas, nos anos 60, no Concílio do Vaticano II pelo Papa João XXIII provocaram algumas alterações a nível da Liturgia, que por sua vez alterou o dia da Festa de São Salvador do Mundo. Mas, só a partir dos anos 70 é que a Paróquia de São Salvador do Mundo assumiu a transferência do dia da festa de Jesus Cristo do segundo Domingo para o terceiro Domingo após a Páscoa. Esta data coincidiu com o dia do Bom Pastor (Jesus Cristo o Salvador do Mundo) e, também, coincidiu com a festa de São Jorge dos Órgãos.

Como se pode constatar a festa de São Salvador do Mundo não tem um dia definido, dependendo assim das alterações que ocorrem anualmente na elaboração dos calendários.

Entretanto a alteração do dia da festa foi recusada pelos cidadãos locais, facto que conduziu a divisão da vertente sagrada do profano durante um período relativamente curto.

Durante a permanência desta divisão a festa passou a ser feita: Sábado, Domingo, Segunda e Terças-feiras pelos populares (15 dias após a Páscoa) e pela Igreja Sábado e Domingo (22 dias após a Páscoa). A festa passou a ter, assim a duração de 6 dias.

Este acontecimento coincidiu com a independência de Cabo Verde, altura em que o PAIGC defendia o Laicismo. Alguns membros do partido levados por essas ideias incitaram o povo a desafiar a Igreja. Este conflito durou cerca de 3 a 4 anos, terminando com a cedência da Igreja à vontade popular que voltou a fazer uma única festa nos dias habituais (Sábado, Domingo, Segunda e Terça-Feira), como era antes dos anos 70.

Nota-se também que não havia exactamente uma separação entre os grupos de fiéis às leis da Igreja e os grupos pagãos. Como é óbvio, nestas festas de romaria, a mistura do sagrado e do profano continua a ser uma realidade ainda hoje.

Tanto no passado, como actualmente, na noite de Sábado, o céu brilha mais que de costume pelos efeitos dos foguetes que eram lançados de “lém a lém” dando assim mais vida e mais sentido à festa. A faceta profana da festa ganha realce nos divertimentos nocturnos que começam com bailes de funaná e batuque.

A realização da festa também era assinalada pelo uso do “pilon” a fim de serem confeccionados pratos que incluíam o xerém, a massa de milho e farinha para cuscuz e filhós, que veio a ser substituído pelo pão e pela bolacha, alimentos também feitos de trigo.

Também devemos dizer que até meados de 1990 as ruas eram iluminadas com candeeiros a petróleo, “lanternas e cafus/cafucas” dado a inexistência da corrente eléctrica. Os bailes de funaná eram feitos em quase todas as barracas cujas entradas eram pagas. Iam para a festa tocadores de muitas localidades. Antes da Independência os tocadores mais solicitados eram os irmãos “Djonsa e Alfredo” ambos dos arredores da povoação de Achada Igreja.

O batuco era organizado no centro da povoação onde todos os visitantes aproveitavam a ocasião ao lado dos residentes para admirarem os sons produzidos e as letras que iam surgindo, instantaneamente.

É de salientar que após os anos 70, com a emigração, algumas actividades deixaram de fazer parte das noites da festa. As ruas passaram a serem iluminadas com geradores eléctricos, os bailes nas barracas passaram a serem feitos num único lugar -no mercado -e ao som dos novos aparelhos de som -“aparelhagens”, as batucadeiras deixaram de participar na festa.

Actualmente a parte cultural é organizada pela Câmara Municipal que com uma semana de antecedência faz os chamados festivais: com jogos desportivos, corridas de atletismo, ciclismo, jogos de cartas, ouril, damas. No sábado e domingo é organizado

baile pela personalidade que está a explorar o recinto do terraço do mercado. Apesar de toda essa diversão os moradores mais velhos afirmam que “no tempo deles tudo era melhor e que não havia tantos impedimentos”.

Mas, os mais novos alegam que mais do que se faz hoje não pode ser feito e que antes a festa era feita na escuridão e que hoje há luz eléctrica por todo o povoado de Achada Igreja até Achada Leitão.

O “pilon”, também, é actualmente substituído por máquinas e por isso somente em alguns casos se ouve o seu som. Isto porque o xerém veio a ser substituído pelo arroz, a massa de milho pela batata inglesa, as filhós pelo pão e pela bolacha.

Assim sendo devemos dizer que actualmente a festa é assinalada: na véspera, com foguetes, nos dias seguintes por outras actividades promovidas pela Câmara Municipal de Santa Catarina e pela música que se ouve por todos os “cutelos e recantos” da Freguesia.

Um outro aspecto que ainda hoje pode-se ver é a presença de barracas que normalmente são construídas na semana precedente à festa, só que actualmente têm apenas a função de pequenos botequins onde as pessoas vendem comidas e bebidas.

#### **1.1.1.1. AS ACTIVIDADES RELIGIOSAS**

A preparação da festa iniciava-se na época da Quaresma (Cinzas) com a limpeza e purificação das almas, aquisição dos materiais necessários para a ornamentação da Igreja, das ruas e para a pintura da Igreja.

Na semana precedente à festa dava-se os últimos retoques na ornamentação da Igreja e de todo o espaço por onde ia passar a Procissão. Nesses dias a igreja ficava mais movimentada. Os catequistas procediam à preparação final dos grupos para a cerimónia, enquanto o Sacerdote cumpria o seu dever de limpar as almas dos fiéis, permitindo-lhes o estado de pureza necessário para a recepção da graça do Senhor nos dias de missa.

O grupo coral dava início, com algum tempo de antecedência, aos ensaios das canções seleccionadas para a ocasião que iria permitir um acompanhamento sonoro ao longo da missa. Os acólitos, também, ensaiavam para os rituais que constituíam a cerimónia Eucarística.

Ao Sacerdote cabia a preparação dos participantes activos e mais próximos dele nesse ritual, essencialmente no que respeita às respostas durante a oração da missa, pois ela era rezada quase na sua totalidade em Latim.

Ao grupo responsável pela decoração cabia a colocação da bandeira em todo o recinto do vestíbulo e no interior da Igreja, a limpeza das imagens de Nossa Senhora, e de São Salvador do Mundo e a sua arrumação nos andares, já inspeccionados.

A rua por onde passava a Procissão era decorada com ramos de coqueiros e os moradores dessa rua, prestigiada pela passagem da Procissão, contribuíam para a sua ornamentação com peças de seda ou de veludo (colchas, xailes) que eram colocadas sobre as janelas das casas.

A recepção era preparada com todo o rigor pelos mais activos praticantes católicos, tendo em conta, que nesse dia visitavam a freguesia outros Párocos convidados e o Bispo de Cabo Verde.

Nos anos 40 a Igreja começava a festa, na véspera, com a celebração da Eucarística à tarde com a Procissão. Nessa época havia uma única Juíza permanente, a Dona Teresa Vieira Ribeiro, que nesse dia assumia a festa. As despesas que tinha que fazer resumiam-se, simplesmente, à ajuda que dava para a ornamentação da Igreja e para a compra de foguetes. Após a sua morte o Sacerdote da Paróquia escolhia um ou dois pares de juízes que tinham os mesmos compromissos.

No Domingo (segundo dia da festa) a preocupação era igual ou maior do que no Sábado.

A concentração da multidão fazia-se no átrio da Igreja de onde partia a Procissão. Ao longo desta cerimónia o respeito era total: os homens que dela participavam não podiam beber álcool e tiravam o chapéu quando o acto começava. Hoje isso já não acontece.

A Procissão era acompanhada de cânticos, repicar de sino e orações desde a igreja à Cruz de Portal. O toque do sino tinha por objectivo chamar a atenção dos populares para que mantivessem o silêncio e cedessem a passagem à Procissão.



Procissão, Picos, 2003

Os participantes deste ritual primário da festa sagrada saíam organizados conforme as funções que desempenhavam na Igreja:

1. A Cruz Paroquial é levada por dois Sacristão;
2. As crianças do pré-jac (futuros jovens de acção católica);
3. Os jovens e adultos trajados das cores azul-escuro e branco para identificarem a associação a que pertencem;
4. As Imagens de São Salvador do Mundo e da Virgem Maria acompanhadas das bandeiras do 1º e do Sagrado Coração de Jesus;
5. Os Sacerdotes, os Acólitos e o Senhor Bispo;
6. Todo o povo.

A Eucarística iniciava-se as 12 horas e demorava horas, pelo que muitas vezes, para muitos, se tornava um sacrifício permanecer até ao fim. Essa duração tinha a ver com o modo especial de celebração feita nesse dia, pois a missa era cantada.



Início da eucaristia, Picos, 2003



Eucaristia, Picos, 2003

Na Segunda-feira (o terceiro dia da festa) celebrava-se a missa das 8 horas como nos outros dias da semana. A festa continuava, embora com menos pompa do que nos outros dias, os católicos praticantes faziam visitas domiciliárias a velhos e doentes, isto é, aqueles que não podiam ir à missa e que recebiam a comunhão em casa.

Na Terça-feira (quarto dia da festa), como era de habitual, rezava-se a missa das 8 horas. Depois da missa os grupos responsáveis iniciavam a arrumação dos Santos e da Igreja. Os populares preparavam-se para o derradeiro momento da festa que é o baptizado na cruz em Ponte Ferro, Chão de Taberna (Pico Freire) e Faveta ou Jalalo Ramos.

Actualmente foram feitas algumas alterações na festa:

- Os grupos pertencentes às associações religiosas mantêm-se nos preparativos da festa, mas, agora são acompanhados pelos juízes que têm algumas responsabilidades. A Igreja passou a permitir a participação dos juízes, em número mais elevado e sem restrição na admissão, exigindo tão-somente que sejam moradores ligados às actividades religiosas (por exemplo este ano participaram cerca de 60 pares de juízes).
- Os juízes, tal como antes, assumem a ornamentação da Igreja, apoiam as despesas da Igreja nessa ocasião e nomeiam os seus substitutos.
- As confissões, os ensaios, a limpeza do recinto continuam a preencher o leque de actividades desenvolvidas pela Igreja, nessa data, e a decoração das ruas é feita com a cooperação dos moradores.

- No que tange ao primeiro dia da festa, a cerimonia religiosa constitui um evento do passado e fica resumida, agora a uma simples missa da tarde, igual à que se celebra todas as semanas.

- Actualmente, no Domingo (o segundo e último dia da festa) a celebração da santa missa tem sido às 10h30 minutos com a saída da Procissão obedecendo a seguinte ordem:

1. A cruz levada a frente pelos acólitos, seguidos de mais dois elementos que levam o incenso;
2. Todas as crianças acompanhadas dos seus respectivos responsáveis de catequese;
3. Os jovens com bandeira da associação a que pertencem
4. O grupo de Acção Católica com o seu símbolo;
5. O grupo dos Apostolados da Oração também com a bandeira do grupo;
6. O andor de Nossa Senhora;
7. A bandeira de São Salvador do Mundo;
8. A imagem e a bandeira do Sagrado Coração de Jesus;
9. O grupo da Legião de Maria com a sua bandeira;
10. O andor de São Salvador do Mundo;
11. Os juízes da festa;
12. O grupo coral da paróquia;
13. Os ministros da sagrada comunhão;
14. Os Celebrantes Padres e Bispo;
15. Todo o povo.

- Presentemente o número de juízes vem aumentando progressivamente. Estes têm dado contributos razoáveis, com as suas quotas, para a despesa da Paróquia que se destinam às refeições oferecidas aos Párocos, convidados e ao Bispo. No fim da missa os juízes substitutos são apresentados pelo Pároco. No ofertório, os envelopes fechados, as bandejas e cestos enfeitados com flores são levados ao altar pelos juízes. Após o término da Eucaristia cada juiz reúne os seus convidados e dirigem-se para o almoço em casa, conferindo à festa uma

certa expansão ainda que indirecta para outros concelhos e paróquias, dado que alguns juízes residem fora da freguesia.

- Como em tempos passados, ouve-se ao longo da procissão o arrebentar dos foguetes e o toque do sino em ritmo e cadência agradáveis aos ouvidos; fazem-se as orações e os cânticos novos acompanhados de instrumentos musicais.

#### **1.1.1.2. AS ACTIVIDADES PROFANAS ONTEM E HOJE**

À semelhança da parte sagrada da festa a preparação da vertente profana começava muito cedo, isto é, com meses de antecedência, na medida em que todos se preocupavam com a selecção dos animais para a criação e posterior abate.

Os rapazes e as raparigas começavam a fazer as suas economias, meses antes, para conseguirem uma nova roupa para o dia da festa.

Na semana precedente começavam as movimentações com a construção das barracas (acto que ainda hoje é notório), pois é nestas barracas que a maioria dos visitantes outrora iam festejar.

Na noite de sábado, a faceta profana da festa ganhava mais realce nos divertimentos nocturnos que antigamente eram feitos em barracas e hoje são feitos num lugar mais adequado. Entretanto devemos dizer que nem toda a gente ia para o centro, pois havia pequenos grupos em todas as localidades da freguesia que promoviam bailes durante toda a noite.



Ainda é nessa mesma na noite, durante o batuque que os homens rondavam o recinto com o fito de vigiarem as suas mulheres, namoradas ou amantes, evitando que outros atirassem olhares ou manifestassem algum interesse amoroso.

Esse comportamento rude fez com que por muito tempo se ouvisse dizer: “Genti di Piku é malkriadu”... “ês ta da ku faka”...Mas a verdade é que os protagonistas destas brigas nem sempre pertenciam à freguesia.

É de realçar que estes actos já não se verificam actualmente dado que os participantes da festa estão mais solidários, graças a democratização do ensino e a difusão da comunicação social, o que fez com que os conflitos sejam resolvidos de forma mais passiva e por outro lado há maior segurança, por parte das autoridades civis, durante os festejos.

No domingo (o segundo dia de festa) a preocupação era igual ou maior do que no 1º dia, pois apareciam os últimos hóspedes e o pessoal levantava-se de madrugada orientado pelo cantar dos galos e iniciavam os afazeres da casa e quem ia à missa começava a preparar-se da melhor maneira possível para estar bem apresentado. Como, ainda, as pessoas não utilizavam perfume, esfregavam as mãos com folhas de alecrim e manjerona, exalando assim um cheiro agradável.

Durante a Eucaristia a movimentação nas barracas limitava-se apenas aos preparativos dos comes e bebes. A movimentação que era quebrada pela missa voltava a aumentar quando se ouvia o padre dizer: “ide em paz e o senhor vos acompanha”.

As pessoas dirigiam-se para as barracas, para as casas dos amigos onde iam saciar a fome.

Segue-se então tarde cultural com bailes populares em quase todas as barracas.

Tudo isso ainda hoje se verifica só que com algumas alterações. Actualmente as pessoas não esperam para o fim da missa. Aqueles que por uma razão ou outra não lhe apraz assistir a missa aproveitam esta hora para visitar as barracas e os amigos.

Quanto aos bailes nas barracas também deixaram de serem feitos, pois hoje há espaços apropriados para tal.

Na segunda-feira os bailes continuavam, mas já com menos gente, pois nem todos iam para ficarem durante 3 ou 4 dias.

O quarto dia da festa é talvez o mais repleto de actos profanos. É pois nesse dia, depois da missa, que se prepara o derradeiro momento da festa -o baptismo na cruz na Ponte de Babosa (Ponte Fero), em Chão de Taberna (Manipo), em Faveta ou Jalalo Ramos.

Como era hábito, rezava-se a missa das 8 horas e depois fazia-se a concentração dos populares em Cruz de Portal donde partiam para os locais do Baptizado.

O baptizado na cruz é um evento em que se manifesta nitidamente a profanação dos rituais sagrados efectuados na recepção do primeiro Sacramento da Santa Madre da Igreja.

Segundo a afirmação de um catequista, esta manifestação cultural terá começado em Ponte Ferro e que a Cruz que aí era colocada era testemunha de um espaço reservado para tal tipo de prática cultural. Ainda acrescentou que: “Todos os anos nesse dia voltava a esse lugar um grupo de gente preparada para se divertir e criar novas amizades através dos padrinhos, madrinhas, compadres, comadres e afilhados (as).

Como se disse é no quarto dia da festa, após a missa, que todos se concentravam em Achada Igreja na Cruz de Portal, donde partiam para a Ponte Ferro: Eram conduzidos pelos sons de gaita e ferro, bem como do batuco e dos foguetes.

Chegados ao local juntavam-se debaixo de uma gigantesca árvore que acolhia a todos com a sua sombra proporcionando um ambiente para a realização do evento.

Iniciavam-se os baptismos tentando imitar todos os rituais efectuados na cerimónia sagrada. Os elementos presentes eram as velas, a água, os padrinhos, as madrinhas, os afilhados (as) e os acompanhantes. Os primeiros levavam as suas vestes que substituíam as batinas. Baptizavam-se bonecas de trapo, cujo padrinho e madrinha eram contactados com antecedência e preparavam-se para tal. O improvisado cabia à parte dos humanos que escolhiam os seus padrinhos e madrinhas ali no momento do baptismo. Concluído o

batismo, a algazarra tomava conta do espaço com batuco, funaná, foguetes, ensurdecendo a todos os presentes.

Era a despedida, o desenlace de uma festa carregada de valores culturais da comunidade. Todos dirigiam-se em seguida para as barracas onde se serviam: doces de coco, bolos de mandioca, carne, pastéis, bebidas como grogue e “churupia” que veio a ser substituída por refrigerantes, mais tarde.

Os grupos das localidades mais afastadas festejam o culminar de São Salvador do Mundo da mesma forma. Reuniam-se na Cruz do Manipo, na Faveta ou no Jalalo Ramos. A única diferença era apenas o tamanho dos grupos, já que o grupo que festejava na Ponte Ferro (Babosa) era maior, por se tratar de um lugar mais estratégico do que os outros.

Actualmente esta prática já não faz parte das manifestações culturais dessa comunidade, embora se veja ainda, uma vez ou outra, um grupo de pessoas dirigir-se para Cruz do Manipo e Faveta para a realização de batismos, mas às escondidas.

É de salientar que este ritual profano perdeu força com a chegada de um novo Pároco em 1975, que tomou medidas severas contra este tipo de manifestação cultural alegando desrespeito pela Igreja. Por isso a população com medo da excomunhão desistiu desse ritual. Por outro lado as autoridades civis, solidárias com a decisão do Padre proibiram tal prática relevando-se também cúmplices na desvalorização daquilo que também faz parte da nossa cultura. Segundo o Pároco a profanação era feita pelos que na Igreja não podiam ser padrinhos ou madrinhas por que eram amancebados e a única maneira de terem afilhados era recorrer a este acto profano para satisfazerem as vontades.

Assim, ficou proibida uma manifestação cultural que actualmente já caiu no esquecimento e é desconhecido de muitos, principalmente dos mais jovens.

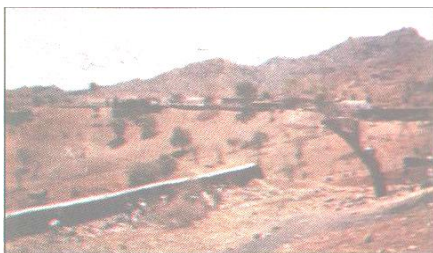
Entretanto pode-se afirmar que, até os anos 70, na comemoração desta festa o sagrado e o profano andaram lado a lado. Depois de 1975 nota-se uma nítida separação entre eles, havendo casos em que a Igreja obrigou a população a abandonar os actos

profanos. É o caso do baptismo na cruz. Também pode-se constatar que houve mudanças a nível da comemoração e/ou dos festejos devido à emigração que melhorou a qualidade de vida das pessoas. Um outro aspecto a notar é que com a escolarização, a difusão dos meios de comunicação social, o aumento e a melhoria dos trabalhos das autoridades civis as algazarras que eram frequentes durante a festa, principalmente no primeiro dia (sábado), hoje não se verificam.

## **1.2. IMPACTO NOS PICOS DA POLÍTICA CAMARÁRIA DE SANTA CATARINA (1991- 2005)**

A distribuição dos recursos da Câmara Municipal de Santa Catarina (desde 1991) em relação aos Picos é discutível: construiu-se a escola do ensino básico de Leitão Grande com duas salas de aulas, uma cozinha e uma arrecadação. O seu orçamento era de 2500 contos. Esta escola foi construída durante o primeiro mandato Presidente da Câmara, Celestino dos Santos Almada. No ano de 2004/05 foi dado o início a construção do primeiro jardim em Leitão Grande. Construí-se duas escolas em Picos Acima: uma em Cutelo Vaz e a outra em Chão Cardoso e o Posto Sanitário dos Picos Acima, de Chão Rodrigues de Faveta. Também foi construída uma escola em Covão Grande, com projecto semelhante ao de Leitão Grande e da escola de Cutelo Vaz em Picos Acima, construí-se também escola em Jalalo Ramos com projecto semelhante às escolas mencionadas e com o mesmo financiamento. Com um protocolo assinado com o ministério da agricultura construíram-se alguns tanques e chafarizes.

Em 1994 foi dado início à construção da placa desportiva em Penedo (Achada Igreja), mas, até o presente não está concluída. Todavia no segundo mandato da Câmara municipal de Santa Catarina da qual é Presidente, Pedro Freire, foram removidos os blocos para essa construção e levados para uma das localidades da então vila de Santa Catarina. Assim, durante um período de 11 anos os piquenses ficaram a espera da importante placa desportiva.



Início da construção do campo de futebol,  
Picos, 1994.



Semi-conclusão do campo, Picos,

2005

### **1.3.A VIDA SÓCIO – ECONÓMICA NOS PICOS**

Nos Picos a população vive graças à agricultura e criação de gado, produção de cesto e de oficinas de ferro (que ainda é incipiente e em desuso) e às remessas dos emigrantes.

#### **1.3.1. A PRODUÇÃO AGRO-PECUÁRIA**

A agricultura nos Picos foi, desde de sempre, maioritariamente de sequeiro e uma pequena percentagem de regadio (Leitão Grande, ribeira dos Leitões, Patabrava).

Segundo um dos entrevistados, outrora fazia-se agricultura de regadio em todos os vales da região, mas, pouco a pouco, a água está diminuindo.



A monda nos Picos, 2004

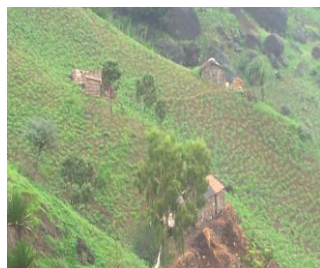


O jovem agricultor, Picos, 2004

A agricultura de sequeiro deu sempre um grande rendimento e evitou, muitas vezes, que a fome atingisse a população dos Picos, nos anos de boas chuvas.

É de salientar que a agricultura de sequeiro nos Picos fazia-se com base em “djunta mó”, todavia actualmente essa agricultura é feita por pessoas pagas no final do dia, muito embora persista, ainda, em menor grau, a tradição de “djunta mó”. Outrora, a sementeira e a monda constituíam momentos de encontro dos namorados, dos homens beberem grogue, e das mulheres tomares sumo com bolachas.

No que concerne à criação de gado, quase todas as famílias exercem essa actividade, mas ela é insignificante, pois o número de animais que se criam em média por famílias é muito reduzido (de 1 a 4 ou 5 vacas, alguns porcos e cabras, galinhas e pato por família).



A criação das cabras,  
As capoeiras, Picos, 2004

Casas das vacas,Picos,2004

### 1.3.2. O COMÉRCIO

O comércio ainda é incipiente, muito embora existam algumas “tabernas” que alimentam a população com produtos importados. A inexistência de minimercados é um dos aspectos a ter em conta, já que faltam a essa população alimentos frescos, visto que agricultura tradicional na região não dá cobertura a todas as procura. Todavia, o pequeno mercado de Achada Igreja (nos Sábados e Domingos) apresenta alguns produtos frescos que são vendidos conjuntamente com vestuários e outros produtos. Durante os dias de semana algumas vendedeiras, num número de dois a três vendem alguns produtos alimentícios.

### 1.3.3.A PRODUÇÃO DE GROGUE

Não se pode deixar de se referir a produção de aguardente e de mel, quando se fala da economia dos Picos. Mas, esses dois produtos, praticamente hoje já não estão sendo produzidos. O pouco que ainda se produz faz-se nos trapiches do Sr. Eduino que ainda preserva essa actividade em duas regiões: Ribeira dos Leitões e Mato Dentro (Leitão Grande).



Trapiche, Picos, 1990



Trapiche em decadência, Picos, 2005

Num período de quinze anos pode-se verificar a ruína daquilo que constituiu o “mata-fome” dos pobres e o poderio dos proprietários. Várias causas estão subjacentes ao desaparecimento, paulatino, dessa actividade. Uma delas é a falta de água na região. Como sabemos, a produção de água-ardente e mel exige muita água tanto para os trapiches, cobres e alambiques como também para a produção da cana-de-açúcar (matéria-prima fundamental para essas actividades). A outra foi a emigração dos jovens e o desinteresse dos mesmos e dos adultos.



### **1.3.4.O ARTESANATO DO FERRO NOS PICOS**

A manutenção das alfaias agrícolas, dos trapiches e alambiques constituem uma tradição secular que paulatinamente está perdendo terreno. Esta tradição é exclusivamente de Achada Leitão. Em 1989, ali havia cerca de uma dezena de oficinas e dezasseis anos depois existem apenas três. Essas oficinas para além de servirem a população dos Picos também serviram e servem a população de toda a ilha de Santiago. Ao chegarmos a Achada Leitão, a primeira oficina é do Sr. António de Barros conhecido por Nho Antoninho, oficina que hoje é explorada pelo seu filho. A seguir a mesma encontramos a oficina do Sr. Joãozinho Cabral, já falecido, que hoje é explorada pelos seus filhos. É de salientar que esta última oficina, actualmente, está mais modernizada, tem electricidade e está a fazer portas e janelas de ferro.

Para execução das suas actividades, esses artesãos deambulam por toda região (Pedra Badejo, Praia) para procurarem sucatas para as suas actividades. O combustível para os foles é o carvão mineral, devido ao seu alto poder calorífico. No entanto não havendo esse tipo de carvão recorre-se ao carvão vegetal.

As causas da diminuição do artesanato do ferro foram: a decadência da agricultura motivada pelas estiagens que fez diminuir o conserto trapiches e das alfaias agrícolas; a emigração para o estrangeiro e a migração para os centros urbanos. A repressão da PIDE e as secas, que de vez em quando assolam a região, foram a razão da emigração de muito desses ferreiros. Subjacente a essa repressão estava a preocupação dos agentes coloniais, com a capacidade criativa desses artesões, que para além de consertarem alfaias e de fazerem machins, consertavam também armas de fogo, enchiam cartuchos e até produziam armas de fogo. Esses talentos representavam um perigo para os poderes coloniais.

Achada Leitão passou a ser foco de atenção (com a população a não acatar as ordens das autoridades) para os colonos sobretudo a partir do momento que a luta armada começou na Guiné-Bissau. Por exemplo os rebelados (no fundo de Serelho) se recusaram a utilizar o dinheiro português; a pagar os impostos de desenvolvimento local

e estavam revoltados pela tentativa de substituição da cultura popular -batuque nas festas de casamento e bailes de gaita -pelas viras minhotas e algarvias.

Nos anos 70 deslocou-se de São Vicente o Conselho de Guerra para julgar os ferreiros de Achada Leitão por causa da denúncia feita pelo padre Arlindo, pároco da freguesia. Nesse julgamento a sala de tribunal estava cheia de gente e os militares estavam todos bem armados. Esses artistas, em 1971 foram julgados, presos e deportados para outras ilhas.

### **1.3.5. UMA VISÃO ETNOGRÁFICA DA PRODUÇÃO DOS CESTOS<sup>67</sup> NOS PICOS**

Devido a sua grande amplitude se pode definir a cestaria de três modos:

- a) No sentido lato: é a designação que compreende a fabricação de utensílios com fibras de origem vegetal. Neste caso, envolve também a fabricação de esteiras, e outros objectos de revestimento ou cobertura.
- b) No sentido restrito: A cestaria compreende a técnicas de fabricação de cestos ou vasilhas.

Essa técnica compreende dois tipos fundamentais:

- O entrelaçamento que pode ser cruzado, enrolado, torcido e encanado;
  - O tipo espiral que pode ter ou não armaduras de sustentação.
- c) O lugar onde se fabricam ou vendem cestos é também designado de cestaria.

É de salientar que nos Picos produzem-se os cestos utilizando só uma técnica que é a de entrelaçado cruzado.

---

<sup>67</sup> A produção de cestos constitui uma actividade que acompanhou o nosso crescimento e a nossa evolução. Os cestos, ainda, eram os recipientes com que os nossos pais iam recolher os produtos nos campos para a nossa alimentação e para a alimentação dos nossos animais que para além de nos darem alimentos úteis ao nosso crescimento (carnes, ovos e leite), eram vendidos para custear os nossos estudos.

Ao longo da história da evolução do homem constata-se que sempre este tem estado a procurar solucionar os problemas materiais e espirituais com que se defronta quotidianamente.

A cultura do homem cabo-verdiano, resulta da fusão de duas culturas diferentes a europeia e a africana e de acordo com esta constatação que os cabo-verdianos, nas suas mais diversas manifestações culturais e materiais apresentam facetas vindas essencialmente da costa ocidental africana e da Europa. Picos é uma localidade do interior de Santiago com muitos vales húmidos e frescos que possibilitaram e possibilitam o crescimento do *arunda donex* (carriço). É uma localidade que tem como principal actividade económica a agricultura e a criação do gado que são complementadas pelas pequenas oficinas de produção de matérias de ferro e de artesanato. Para que as populações satisfaçam melhor as suas necessidades era necessário arranjar mecanismos que permitissem o transporte e a conservação dos produtos agrícolas, que depois passaram a ser complementados por outros tipos de cestos nomeadamente os que têm outras finalidades (como é o caso de canastras, andor, conjunto e pilão).

Os “balaies-de-tente” são feitos actualmente apenas pelos adultos (homens e mulheres). Verifica-se que há uma tendência para a perda desta cultura material nos Picos. Os outros tipos de cestos todos sabem fazer, até as crianças, nas famílias onde se têm o hábito de produzir esse artesanato.

Nos Picos, nas escolas do Ensino Básico, na disciplina de *Expressão Plástica*, normalmente os alunos fazem cestos do formato do “quali” que são expostos nas salas de aulas.

A produção de “balai-de-tente” reveste-se de um carácter social uma vez que são feitos de uma forma comunitária, nas famílias, mas só por pessoas adultas. Pois, enquanto uma pessoa vai procurar *arunda donex* (carriço) o outro vai procurar a tara em Pedra Badejo. Durante a feitura enquanto um prepara o “carriço” o outro está fervendo raízes do sisal acrescentada com cinzas para depois serem postas as taras para poderem adquirir a cor acastanhada.

A produção de outros tipos de cestos, principalmente em Abobreiro, tem um carácter também social: os produtores juntam-se à noite em casa de um deles, nas vésperas (terça e sexta-feira) das feiras em Assomada (quarta-feira e sábado) para “fofocar” e divulgar as informações e ao mesmo tempo bebem aguardente produzindo os cestos. Este aspecto repete-se sempre nas terças e sexta-feira, mas sempre em casas diferentes.

Este tipo de produção artesanal como todas em Cabo Verde acompanhou toda a evolução da formação social. Por ser uma actividade muito antiga e de grande relevância para o quotidiano da população ele continua vivo, embora com menos adesão da camada jovem. Assim, os cestos continuam a ser produzidos nas mesmas zonas muito embora com tendência de se estender a outros pontos da região devido às constantes migrações da população.

Deste modo é de salientar que nos Picos não se produz cestaria em todas as zonas. Porém, pode-se encontrar pequenas produções de cestaria em Picos Acima (o maior produtor de cestos de uso agrícola e de cestos que servem para a conserva de vestuários), Leitãozinho (ali faz-se esteira e cestos de uso agrícola), Leitão Grande (onde existe dois produtores: um de esteiras, já muito velho e um outro originário de Picos Acima que produz cestos de uso agrícola e de conservação de vestuários), Achada Leitão (um dos maiores produtores de “balai-de-tente”, “balai-de-café” e de “conjunto”), Manhanga -o grande produtor de “balai-de-tente”, Pico Freire (produtor das modalidades agrícolas) e por último o Abobreiro (também o grande produtor das modalidades agrícolas).



- Zonas produtoras de cestos e esteiras  
 — Zonas produtoras de cestos

Nos Picos, esta produção reveste-se de um carácter uniforme no que concerne à utilização das matérias-primas. Todavia as fontes orais alegam que a produção desses utensílios de carácter utilitário e comercial sempre foram feitos com o mesmo tipo de matéria-prima. Na actualidade, há uma particularidade, por exemplo para dar mais beleza ao “balai -de- tente”, “balai -de -café”, “quali”, “pilão” e “andor” utiliza -se fitas de plásticos de diversas cores.

Para a produção de “balai -de -tente”, “balai-de -café” e “conjunto” utiliza -se “folê” (arunda donex novo -carriço novo), tara de coqueiro e por vezes utiliza -se fitas de plásticos para embelezar o produto e a lantana camara (lantuna) ou varras de marmeleiro.

Para a produção de cestos de uso agrícola e de uso comercial (“machibomba”, “balai-grande” e “balai-de-fia”) utiliza-se arunda donex, fibras de sisal e de lantana camara ou varas de marmeleiro (para amarrar a “boca”).

No que concerne a outros tipos de cesto, nomeadamente, “canastra”, “andor” “quali” e “pilão” utiliza-se carriço e por vezes fitas para embelezá-los.



Produção de balai-de-tente

Achada Leitão



Produção de “balai –grande”,  
“quali”

Picos Acima, 2003



Produção de

Picos Acima

A produção do “balai -de -tente”, “balai -de -café”, “andor” e “conjunto” obedece o mesmo critério. Primeiramente, o artesão deve ter as matérias-primas (“folê”, a tara e, se for necessário, as fitas de plásticos), o passo seguinte é a preparação de folê (se for “balai -de -tente”, “balai-de -café” e “conjunto”) e da tara. O “folê” é limpo, arredondado e lascado em fibras de modo a permitir o entrecruzamento. As taras são mergulhadas numa água já fervida nas raízes de sisal, na qual, mais tarde se misturam cinzas extraídas do fogão de pedra ou de cimento para que as taras adquiram uma cor acastanhada. A seguir são expostos ao sol tanto os “folê”, como as taras. Depois da matéria-prima estar preparada começa-se a tecelagem -primeiro pela base, quando a base estiver pronta, “rabida -se o odjo”, a seguir tece-se o lado e por último “amara-se a boca” (com sisal e lantana camara ou varras de marmeleiros).

Na produção de “balai -grande”, “machibomba” e “balai -de -fia” o artesão após obter e preparar as matérias-primas (arunda donex, lantana camara, sisal e varras de marmeleiro) prossegue o seu trabalho arredondando, limpando, e lascando o carriço, depois passa para a feitura da base e quando esta estiver pronta “rábida-se o odjo”, tece-se o lado e por último amarra-se a “boca”.

Para a feitura da “canastra”, “andor” (com costa e sem costa) e “cestos com asa” segue-se os mesmos passos, só que para a “canastra” faz-se a base rectangular e faz-se uma tampa. Para o “andor” fazem-se vários pequenos cestos (3, 4 ou 5) e põem-se

quatro suportes (que são os “pés”). Para os cestos com “asa” faz-se uma pequena “canastra” e põe-se uma “asa”. No caso de pilão faz-se a base e em vez de “rabidar o odjo” dá-se um pequeno jeito nas extremidades da base e continua-se a entrecruzar a face e por último amarra-se a “boca”.

As bases determinam as formas dos cestos. Isto significa que os que têm a base redonda vão ter um formato final redondo, os que têm a base rectangular vão ter o formato final rectangular e assim sucessivamente.

Podemos destacar as seguintes bases e formas:

- Base redondo (“quali”, “andor” com cestinhos redondo, “pilão”)
- Base quadrangular (“andor” com cestinhos quadrangular)
- Base rectangular (“canastra”)
- Base semi-redondo (“balai- de- tente”, “balai- grande”, “balai -de - fia”, ”balai -de -café”, “conjunto” e “machibomba”)

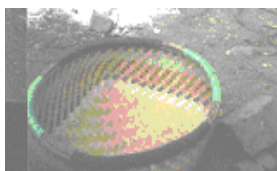
Os cestos variam segundo a função e a necessidade. Os produtores para poderem satisfazerem as suas necessidades adaptaram e criaram um conjunto de tipo de cestos que perduram até hoje e constituem um dos elementos da nossa cultura.

**Nos Picos produz-se os seguintes tipos de cestos:**

“Balai-de-café”

“Balai-de-tente”

“Machibomba”



“Canastra”



“Pilão”



“Cestos”



“Andor”



“Quali”



“Balai-grande”



“Conjunto”



“Balaies-de-fia”



As comerciantes dos cestos (vendedeiras) geralmente compram os mesmos no próprio local onde são produzidos, mas há casos em que os compram no mercado. Os cestos, as vezes, são produzidos por encomenda dos vizinhos para os trabalhos domésticos. Muitos produtores preferem ir eles mesmos vender na “mão” os cestos nos centros urbanos. Mas há outros que não, este é o caso do Gualdino, da Vitalina e da Fátima que preferem vende-los em casa já que assim acarreta menos custo e trabalho.

**Tabela II – O preço dos cestos no local de produção e no mercado**



<b>Tipos de cestos</b>	<b>Custo no local de produção</b>	<b>Custo no mercado</b>
Balai-de-tente	250\$00 300\$00 350\$00 400\$00	300\$00 350\$00 400\$00 450\$00
Balai-de-café	250\$00 300\$00	350\$00 350\$00/400\$00
Balai-de-fia	100\$00	150\$00
Balai-grande	150\$00	200\$00
Machibomba	400\$00	450\$00/500\$00
Pilão	150\$00	200\$00
Cestos	200\$00	250\$00
Canastra	300\$00	350\$00
Quali	70\$00	100\$00
Conjunto	400\$00	450\$00/500\$00
Andor	200\$00	250\$00

Segundo as análises feitas, actualmente não há um local definitivo para a venda dos seus produtos ( dos cestos). Normalmente depois da produção, quando não aparecerem as vendedeiras, eles mesmo (os produtores) vão vender estes produtos nos centros urbanos, deambulando até o anoitecer. Mas muitas vezes são as vendedeiras que os compram no local de produção (cestaria) e os vão revender nos centros urbanos.

No mercado de Sucupira na Praia há um local, à frente do Shopping comercial, a onde as vendedeiras vendem os cestos. Ali elas permanecem o dia todo relatando os acontecimentos do dia-a-dia. As diversas informações circulam nesse espaço de uma forma tão rápida de modo que num curto período de tempo todas as vendedeiras ficam a saber todas as notícias. É de salientar que nem todos os cestos vendidos nesse local são provenientes dos Picos. Ali vendem-se cestos provenientes de Ribeirão-Chiqueiro e de São Pedro na Praia, mas, muitos são produzidos por pessoas que migraram de Picos para as referidas localidades.

A cestaria constitui um recurso imprescindível para a actividade da população de um país como nosso e em especial para a população dos Picos (no interior de Santiago) que sobrevive graças a agricultura, a criação de gado e ao pequeno comércio. No campo os cestos têm grande importância, já que servem como utensílios para fazer a

sementeira, para a recolha dos produtos, para preparação e a estocagem dos mesmos nos tambores no interior das despensas.

Os cestos, ainda, são utilizados nas actividades das vendedeiras nos mercados regionais de cada centro urbano ou também entre localidades da nossa área geográfica.

“Machibomba”-(o tipo cesto mais grande) -é utilizada nos transportes das frutas e dos tubérculos do campo para os centros urbanos e entre a ilha de Santiago para as de S. Vicente, Sal, Maio, Boa Vista e as vezes também de Cabo Verde para outros países do Mundo.



Mercado da Praia, 2003

A “canastra” e “pilão” têm a função de guardar as roupas e constituem como os outros cestos parte da nossa cultura material que nos ficou da tentativa e do esforço que a população fez para poder superar os imperativos impostos pela natureza.

Um outro tipo de cesto, que no passado representava o símbolo através do qual se identificavam as pessoas que iam fazer compras (trocando, comprando com dinheiro na mão ou pedindo fiado) nos mercados regionais e nas tabernas daqueles que tinham mais posses económicas é o “balai-de-fia”. Também era utilizado para fazer visitas. Actualmente quase não é utilizado, mas quando o é coberto com uma toalha branca e dentro dele põem-se os “presentes” quando as amigas se visitam nas festas de casamento e nas visitas dos dias normais.

No que concerne à produção de esteiras, primeiramente iremos dizer o seguinte: Esteiraria pode significar a fábrica onde se produzem as esteiras ou o local onde se vendem as mesmas. Nos Picos elas são produzidas nos quintais ou nas ruas ou, ainda, em locais mais frescos. Ali são postos o “cabalo” e todos os outros materiais necessários para a produção das mesmas.

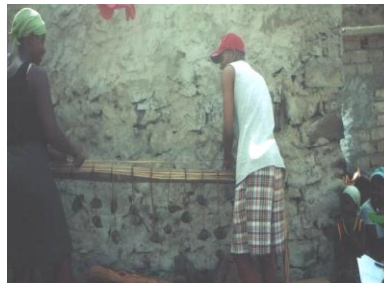
O que é uma esteira:

É um tecido feito de hastes grossas (juncos) ou de filamentos delgados.

É de salientar que a arte de fazer esteiras se assemelha à arte da cestaria

A esteiraria nos Picos é uma arte muito antiga e constitui a herança daqueles que cá chegaram tanto livremente como forçados (refiro-me aos portugueses e ao escravos vindos da costa africana).

A necessidade de meios para o transporte de mercadorias determinou a produção de esteiraria, arte que é preservada até hoje dada sua constante necessidade.



Produção de esteira, Leitão Zinho, 2003

Segundo as pesquisa feitas, constata-se que na produção de esteiras gasta-se mais tempo na procura das matérias-primas do que na sua feitura. Assim para o fabrico das esteiras são usadas as seguintes matérias-primas:

A tara (procurado em Santiago Maior) das folhas de bananeira;

O sisal;

A água (para humedecer as cordas);

As taras são compradas em Pedra Badejo nas hortas e transportadas até às estradas postas nos carros e levadas para as zonas de produção. Aí são descarregadas e levadas

para as pequenas oficinas, que se situam nas ruas ou nos quintais, onde estão os “cabalos”.

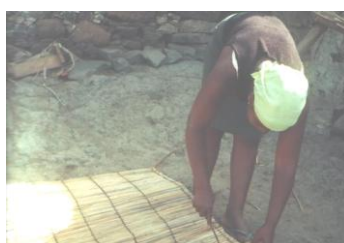
A água é a base da produção de esteiras. Ela é trazida pelas crianças (na cabeça ou com o burro), de uma longa distância. Isto porque as zonas produtoras de esteiras ficam distantes das fontes de água nascente e dos chafarizes e são zonas geralmente afastadas das estradas. Por isso, quando a humidade atmosférica é muito reduzida, as produtoras não se fazem esteiras, visto que sua produção gasta muita água.

O instrumento principal para fazer esteiras chama-se “cabalo”. Este instrumento é composto por: 26 pedras, 13 cortes, 13 cordas e 2 pés. Os suportes dos “cabalos” são de madeira do sisal. É chamado cabalo porque, segundo as informações recolhidas, têm a posição do cavalo.



“Cabalo”

A esteira é feita na posição horizontal. Depois de se obter o tamanho desejado põe-se no chão e fazem-se as aristas com uma faca de modo que fique com um formato rectangular.



Vitalina a fazer arista da esteira, Leitão Zinho, 2003

O tempo para fazer uma esteira depende do número de pessoas que está entrecruzar as pedras. Nas famílias onde se tem o hábito de fazer esteiras, todas as sabem fazer, mas para fins comerciais apenas os adultos as fazem.

A produção de esteiras tem um carácter social uma vez que é feita, as vezes, por várias pessoas que, mesmo não tendo nada a ganhar com isso, ajudam as outras a produzi-las. Essas pessoas passam o tempo livre ajudando aqueles que precisam de ajuda. Há casos em que família inteira se junta, num só “cabalo”, para produzir com mais rapidez. Deste modo, aumenta o lucro e também ganha-se tempo para outras actividades, uma vez que todos aqueles que fazem esteiras dedicam-se a outras actividades como a agricultura e a criação de gado.

O carácter social da produção de esteiras começa com as crianças quando estas vão procurar água para molhar as taras e sisal. Mesmo as pessoas adultas, já numa idade avançada, contribuem para a feitura de esteiras. Enquanto que as mulheres procuram taras em Pedra Badejo, os homens ao procurarem a palha para os animais vão procurar, também, o sisal. Mas, as vezes, são as próprias mulheres, quando têm tempo, que recolhem o sisal.

A esteira outrora servia como cama, por inexistência desta actualmente por questão de calor é usado como leito e também serve para ser usado como tapete e para fazer divisão de quartos nas casas cobertas com colmo.

Actualmente serve como meio de subsistência para algumas famílias de Leitãozinho e de Achada Leitão Baixo.

As esteiras são vendidas em: Assomada; Santiago Maior, Tarrafal; Praia.

## **CONCLUSÃO**

Com a limitação da carta de 1466 em 1472 houve uma reconversão económica e incentivou a criação de uma economia interna na ilha. Assim, uma das alternativas foi para a prática da agricultura e para a criação de gado. Daí o povoamento do interior de Santiago para a produção de mercadorias para a troca nos rios da Guiné. Todavia, conclui-se também que a pirataria, a manumissão dos escravos, o alto custo de vida na Ribeira Grande, a fuga dos escravos foram outras das razões do avolumar da população no interior.

Com a decadência irreversível da então cidade da Ribeira Grande, o administrador da urzela Manuel António Martins transferiu para os Picos, (através do decreto de 17 de Dezembro de 1833), a sede da então cidade da Ribeira Grande, para os Picos.

Dado ao poderio dos proprietários o reuniões da Câmara faziam-se hora nos Picos, hora em Achada Falcão, hora nos Flamengos, hora na Ribeira da Barca. Esse facto permitiu a construção de estradas que ligassem essas regiões e de algumas infra-estruturas que sustentassem essa administração.

Durante 35 anos a sede esteve em Santa Catarina. A partir de 1869 a sede foi transferida para Chombom Mangue/ Tarrafal.

Dada a distância de São Salvador do Mundo e de São João Batista em relação ao Tarrafal, também ao próprio desequilíbrio em termo populacional entre Santa Catarina e a Praia fez-se em 1872 a transferência dessas duas freguesias para o Concelho da Praia.

Conclui-se, por outro lado, que o papel de Santa Rita Vieira foi importante e permitiu, em 1912, a transferência da sede do concelho de Santa Catarina, no Tarrafal, para a vila de Assomada.

Durante 99 anos (1872/1971) a freguesia de São Salvador do Mundo pertenceu ao concelho da Praia, só em 1971 que esta freguesia foi transferida para o concelho de Santa Catarina.

Em 1971, a freguesia de S. Salvador do Mundo perdeu a sua identidade sócio-cultural com a desintegração de algumas zonas que até então lhe pertencia e que a partir dessa data passou a pertencer ao concelho de Santa Cruz. É o caso de Matinho, Mato Madeira, Serelho e Rebelo.

A festa de São Salvador do Mundo antigamente demorava mais tempo, e registavam-se mais guerras. Era mais tradicional e de menos qualidade. Hoje verifica-se que temos uma festa com melhor organização e com menos duração.

É de salientar que o baptizado na cruz que se fazia em Ponte Ferro, em Chão de Taberna, em Faveta ou Jalalo Ramos deixou de ser feito por causa da repressão e excomunhão da igreja.

No que tange à política camarária de Santa Catarina constata-se que esta tem dado pouco atenção aos Picos. O alto grau de desemprego, as obras começadas, inacabadas e mal feitas são bases para a nossa conclusão.

No que concerne à economia dos Picos, a população ali vive graças a uma agricultura de subsistência, a criação de gado, ao pequeno comércio, consertação das alfaias agrícolas e produção de cestos. Essas actividades dão rendimento apenas para o sustentar e por vezes nem para isso chega. Muitas dessas actividades estão a cair em

desuso. Isso porque poucos jovens dedicam-se a essas actividades. O mesmo acontece na produção de cestos, de alfaías agrícolas na produção de aguardente.

No quadro da produção de cestos constata-se que nem todas as zonas nos Picos produzem cestos e que há uma diversidade de cestos. Essa diversidade é o resultado das necessidades da população. Pois cada cesto tem a sua utilidade.

Um aspecto importante a realçar é a elevação da freguesia de S. Salvador do Mundo à categoria de concelho. Este facto, de certo, vai tirar Picos do marasmo em que se encontra.

Muito são as barreiras encontradas, no ramo da bibliografia, nos trabalhos de campo, no tempo disponível. Pois estamos certos de termos conseguidos atingir a meta anteriormente preconizada.

Sendo este trabalho um tema de História e de Cultura Cabo-verdiana, pode ser explorado nessas duas disciplinas com objectivo de contribuir para a História de Cabo Verde e da nossa Cultura.



## **BIBLIOGRAFIA**

### **1. Fontes impressas**

Arquivo Histórico Nacional, Secretaria-geral do Governo (1808-1927), relatório Numérico Simples do Fundo arquivístico, sr. 12, cx. 175

Arquivo Histórico Nacional, Administração da Praia, 1950, cx. 37

Boletim de Propaganda e Informação, Ano IV, nº37, Arquivo Histórico Nacional

Boletim Oficial de Cabo Verde:

1. nº 3 /1842
2. nº 18 /1843
3. nº 26/1843
4. nº27/ 1843
5. nº 37 /1843
6. nº59/ 1844
7. nº 93 /1844
8. nº6 / 1847
9. nº 63/1851,
10. nº64 /1851
11. nº87/ 1852
12. nº92/ 1852

13. n° 95/ 1852
14. n° 368 /1852
15. n°13° /1853
16. n°130 /1853
17. n°131 /1853
18. n°132 / 1853
19. n°133 /1853
20. n° 136 /1859
21. n°137 /1853
22. n°138 /1853
23. n°139 /1853
24. n°140 /1853
25. n° 155 /1854
26. 159 / 1854
27. n°195 / 1856
28. n° 198 / 1856
29. n°199 /1856
30. n°202 /1856
31. n°203 /1856
32. n°206 /1856
33. n°207 /1856
34. 208 /1856
35. n°7 /1857
36. n°13 /1857
37. n°15 /1857
38. n°16 /1857
39. n° 206 /1857
40. n°24 /1858
41. n°25 /1858
42. n°26 /1858
43. n°27 /1858
44. n°29 /1858
45. n°38 /1858
46. n°42 /1859

47. n°47 /1859
48. n° 48 / 1859
49. n°48 /1859
50. n°49 / 1859
51. n°54 /1859
52. n°56 /1859
53. n°58 /1859
54. n°59 /1859
55. n°60 /1859
56. n° 136 /1859
57. n°65 /1860
58. n°66 /1860
59. n° 68 /1860
60. n°73 /1860
61. n°74 /1860
62. n° 75 /1860
63. n°80 /1860
64. n°20 / 1869
65. n°25 /1917
66. n° 39 / 1947
67. n° 19 /2005

Ilhas de Cabo Verde- 2003: O ano de grandes mudanças, Praia, Alfa Comunicações,  
Lda,2004

Instituto Nacional de Estatística, Cabo Verde, dados do censo de 2000

Santa Catarina- Diagnóstico da situação sócio- económica, Praia

Santa Catarina- 1ª mesa redonda dos parceiros de desenvolvimento de Santa Catarina,  
Praia, FRO, 2003

-Voz di Povo, Cabo Verde, VP Regiões, 1989,Trissemanário

## **b)Estudos gerais e específicos**

ALBUQUERQUE, Luís de e SANTOS, Maria Emília (coordenação) *História Geral de Cabo Verde, vol. I.*, 2ª Edição, Conjunta do Instituto de Investigação científica Tropical, Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga; Praia Instituto Nacional e Cultural, 2001.

AMARAL, Ilídio do, *Santiago de Cabo Verde: a terra e os homens*, M.E.M., Junta de Investigação do Ultramar, 2ª série, nº48, Lisboa, 1938

BARCELLOS, Christiano José de Senna. *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné* Parte II, III, IV E VI, Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1899-2002

BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas do Brasil*, Editora da Universidade de S. Paulo, 1972

CABRAL, Amílcar, *A Arma da Teoria, Unidade e Luta*, vol. I, 2ª edição, Seara Nova, Lisboa, 1978

CARREIRA, António, *Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*, 3ª Edição, Cabo Verde, IPC, 2000.

CARREIRA, António, *Panaria de Caboverdiano- Guineense*, J.I.U., Lisboa, 1968

MAURILIO, Adriani, Ed.70, Lisboa, LdaOTTO, Ruddolf. O Sagrado. Edição 70, Brasil

MONTEIRO, Júlio, *os Rebelados da ilha de Santiago de Cabo Verde*, Centro de Estudo de Cabo Verde, Praia, 1974

NOTÍCIA COROGRÁFICA E CRONOLOGICA DO BISPADO DE CABO VERDE, Bibli Nacional de Lisboa, 1784

VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa Rita. A vila de Assomada. Cabo Verde, 1993.

SILVA, António Leão C. E. História de um Sahel insular, Ed. Speen, Praia

Quatro anos que mudaram o município de Santa Catarina, Praia/ Imprensa Nacional,  
José Tavares Gomes, 1991-1995

SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenadora) *História Geral de Cabo Verde*, vol.  
*II*, 2ª edição Conjunta do Instituto de Investigação Científica Tropical, do  
Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga; Praia Instituto Nacional e  
Cultural, 2001.

***ANEXOS***

## **GUIÃO DE ENTREVISTA**

Com o objectivo de dar a conhecer aquilo que é a História dos Picos, para melhor nos conhecermos a nós mesmos e saber-nos preparar para os desafios futuros, pretendemos fazer uma entrevista que abarca o período de tempo compreendido entre 1975 – 2005.

Nome do entrevistado:.....

Idade do entrevistado.....

Morada do entrevistado.....

### **PERGUNTAS SOBRE A FESTA DE São Salvador DO MUNDO**

- 1.Como era a festa de S. S. do Mundo antes?
- 2.Achas que actualmente a festa está a ser feita de melhor forma?
- 3.Antigamente a festa demorava mais tempo ou menos tempo?
- 4.Qual é o aspecto mais importante durante a festa de S. S. do Mundo?
5. Quando que começou a fazer esta festa?

### **PERGUNTAS SOBRE A POLÍTICA CAMARÁRIA NOS PICOS**

- 1.Achas que as diferentes administrações autárquicas de Santa Catarina tem dado grandes atenções à população dos Picos após os anos 90?
- 2.Lembras -ti de algumas infra-estruturas construídas nos Picos após 1975?
- 3.Essas infra-estruturas ( após 1990) já foram concluídas? Porquê?

### **PERGUNTAS SOBRE A VIDA SÓCIO -ECONÓMICA NOS PICOS**

- 1.Quais são as principais actividades económicas nos Picos?
- 2.Será que essas actividades dão rendimento?

## **PERGUNTAS SOBRE A CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO DOS PICOS**

1. Estás satisfeito com a elevação da freguesia de S. Salvador do Mundo à categoria de Vila?
2. Podias dizer algumas vantagens da criação do município dos Picos.



## **I-ENTREVISTADOS COM IDADES MAIS AVANÇADAS**

**NOME: TADEU MONTEIRO FERNANDES**

**IDADE: 80 ANOS**

**MORADA: LEITÃO GRANDE**

### **Respostas relacionadas com a festa de São Salvador do Mundo**

1. Uma semana antes da festa vinha pessoas de outras localidades para visitar as famílias.

Quanto à segurança o Cabo-chefe determinava ao Cabo da Polícia para ir fazer trabalho de segurança em Achada igreja. Em cada zona cada Cabo chefe mandava um Cabo da Polícia para prestar serviço em Achada Igreja.

Fazia-se Baptismo em Ponte-Ferro, Monte-Fulo, Pico – Freire

2. Está na mesma

3. Antigamente a festa demorava mais tempo.

4. As actividades mais importantes são a missa e as actividades profanas.

5. “Festa di Nhu Senhor do Mundo dja dia ta fazedu”

### **Respostas relacionadas com a política camarária nos Picos**

1. Deu atenção, mas grande não.

2. Sim, é o caso do Posto Escolar e da Farmácia, polivalente de Achada Igreja.

3. Algumas já foram concluídas como é o caso de Farmácia, mas polivalente não.

### **Respostas relacionadas com a vida socio-económica nos Picos**

1. Agricultura, criação dos animais.

2. Acho que sim.

### **Respostas relacionadas com a criação do município dos Picos**

1. Sim.
2. Ao em vez de ir Assomada fazer um documento fazemos ali.

**NOME: FRANCISCO PEREIRA VAZ**

**IDADE: 80 ANOS**

**MORADA: PEDREGAL (LEITÃO GRANDE)**

### **Respostas relacionadas com a festa de São Salvador do Mundo**

1. Uma vez tudo era melhor.
2. Não, agora é só baile.
3. Demorava mais tempo.
4. A actividade mais importante é a missa.
5. Nasci e achei esta festa

### **Respostas relacionadas com a política camarária nos Picos**

1. Muito pouco atenção.
2. Sim, é o caso das escolas em Leitão Grande, em Picos Acima.
- 3.O jardim de Leitão Grande que foi iniciado a sua construção foi interrompida.

### **Respostas relacionadas com a vida socio-económica nos Picos**

1. Agricultura, comércio, criação dos animais.
2. Sim.

### **Respostas relacionadas com a criação do município dos Picos**

- 1.Sim.
- 2.Tudo vai ficar perto de nós.

**NOME: EUGÉNIO ESTEVÃO VAZ**

**IDADE: 64 ANOS**

**MORADA: ACHADA IGREJA**

**Respostas relacionadas com a festa de São Salvador do Mundo**

1. Fazia-se matança de porcos, o que não era aceite pela igreja (as pessoas que faziam isso podiam ser excomungado pela igreja, caso esta venha a saber); punha-se baile na casa de Belo Freire. Terça-feira S. S. do Mundo fazia-se baptizado em Monte-fulo, Chão de Taberna, Ponte-Ferro.
2. Acho que sim.
3. A festa de São Salvador do Mundo era 18 dias (de Páscoa até 3ª Feira depois de S. Salvador do Mundo.
4. A actividade mais importante é a missa e hospitalidade na casa.
5. Há muito tempo.

**Respostas relacionadas com a política camarária nos Picos**

1. Muito pouco atenção, até 2000 estava bem.
2. Sim, é o caso das escolas em Leitão Grande, Escola Baixo em Achada Igreja, Escola de Pico Freire, de Titina Silá, hospital.
3. Sim.

**Respostas relacionadas com a vida socio-económica nos Picos**

1. Comércio informal, pecuária, agricultura de sequeiro.
2. Pouco

**Respostas relacionadas com a criação do município dos Picos**

1. Sim.
2. Torna-se tudo mais fácil, m termo fazer documento. E gasta-se menos tempo.

**NOME: JOSÉ MANUEL SEMEDO PEREIRA**

**IDADE: 45 ANOS**

**MORADA: ACHADA LEITÃO**

**Respostas relacionadas com a festa de São Salvador do Mundo**

1. Duas semanas segundo dizem, eram destinadas aos preparativos e festas e uma semana de pois. Era mais rija do que hoje.
2. Podia ser melhor. A política tem sido uma constrangedora, em alguns aspectos. Nem todos dão o seu apoio por causa da ala política.
3. Mais tempo.
4. Achada igreja é o centro para actividades culturais e religiosas, mas os subúrbios, com os seus convidados, tem sido maior peso.
5. É uma festa antiga

**Respostas relacionadas com a política camarária nos Picos**

1. Só quando for para castigar essa população. No entanto, o pior é “o nada” que se pode verificar de 2000 até esta data, independentemente do partido que sustente o poder autárquico.
2. Sim. Escolas do EBI, hospital (reconstrução da antiga escola), polivalente, correios, aberturas de estradas, serviços de água (rede pública e apenas em Achada Igreja e achada Igreja).
3. Não foram concluídas. Electricidade, água, estradas, não têm tempo de estarem concluídas por causa da morosidade das autoridades políticas.

**Respostas relacionadas com a vida socio-económica nos Picos**

1. Agricultura, criação de animais e venda ambulantes.
2. Há falta de meios, falta de apoios de autoridades. Dão para sobrevivência.

### **Respostas relacionadas com a criação do município dos Picos**

1. Em certa medida. Tenho receio de não poder, até este momento, ver edifícios nem para aluguer, com condições para a sua sustentabilidade
2. Serão grandes. A autonomia é já uma, o desenvolvimento, paulatino, se todos juntos pensarmos seriamente nisso, independentemente de políticas constrangedoras

## **II. ENTREVISTADOS COM IDADES MENOS AVANÇADAS**

**NOME: JOSÉ ANTÓNIO LOPES VARELA**

**IDADE: 32 ANOS**

**MORADA: ACHADA LEITÃO**

### **Respostas relacionadas com a festa de São Salvador do Mundo**

1. A festa era muito mais rija com mais actividades religiosas, onde os jovens sentiam mais integrados.
2. Acho que se deve fazer mais actividades.
3. Antigamente a festa demorava mais tempo.
4. Celebração da missa.
5. Não sei dizer.

### **Respostas relacionadas com a política camarária nos Picos**

1. Não. Tem dado muito pouca atenção.
2. Sim
3. Das infra-estruturas que lembro todas já foram concluídas.

### **Respostas relacionadas com a vida socio-económica nos Picos**

1. Agricultura, criação de gado e comércio.
2. Penso que sim porque as pessoas vivem dessas actividades.

### **Respostas relacionadas com a criação do município dos Picos**

1. Estou plenamente de acordo com a elevação da freguesia de S.S. do Mundo à categoria à categoria de vila.
2. Criação de muitas infra-estruturas necessárias; criação de mais posto de trabalho, maior ordenamento do território e desenvolvimento dos Picos.

**NOME: DOMINGOS SANCHES CORREIA FURTADO**

**IDADE: 30 ANOS**

**MORADA: ABOBREIRO (PICOS)**

### **Respostas relacionadas com a festa de São Salvador do Mundo**

1. Pelo que os mais velhos me disseram era uma festa mais rija antigamente.
2. Não sei pelos vistos acha que esta melhorar cada vez mais.
3. Disseram-me que era 15 dias, sendo 8 dias antes e 8 dias depois.
4. As cerimónias eucarísticas, desportos e os festivais.
5. É uma festa muito antiga

### **Respostas relacionadas com a política camarária nos Picos**

1. Não. No 1º mandato autárquico fizera qualquer pequena coisa, mas daí para frente quase nada não fizeram.
2. A construção de três ou mais dezenas de salas de aulas, um posto sanitário, centro juvenil dos Picos, Correio agência administrativa, uma placa desportiva, um campo de futebol, alguns chafarizes, alguns jardins infantis.
3. Nem todas. A placa desportiva iniciada em 1994 só mostra sinal, aproximado, da finalização agora.

### **Respostas relacionadas com a vida socio-económica nos Picos**

1. Agricultura, criação de gado e pequenos negócios.
2. Sim, dão rendimento.

### **Respostas relacionadas com a criação do município dos Picos**

1. Sim.
2. Desenvolvimento das comunidades mais longe do centro; ter a sua autonomia em certas decisões importantes e ter o seu próprio orçamento anual para o desenvolvimento.

**NOME: OCTÁVIO TAVARES VARELA**

**IDADE: 29 ANOS**

**MORADA: ACHADA LEITÃO**



### **Respostas relacionadas com a festa de São Salvador do Mundo**

1. Acho que a festa era ótimo, tinha uma boa organização, boa aderência, só que cada tempo é um tempo, realidades e situações diferentes.
2. Eu não diria que está a ser feita de melhor forma, o que é certo é que está sendo bem feito, bem organizado e sobre tudo integrando os jovens locais na organização, fazendo com que sentem-se parti integrante da festa, atribuindo a responsabilidade estímulo.
3. Demorava mais tempo.
4. Penso que a parte cultural, desportiva e o convívio de um modo geral.
5. Francamente não sei ti dizer.

### **Respostas relacionadas com a vida socio-económica nos Picos**

1. Agricultura, criação de gado e pequenos comércios
2. Penso que sim, depende sobretudo da forma como as pessoas encaram essas actividades

### **Respostas relacionadas com a criação do município dos Picos**

1. Sim.
2. Aproximação da administração municipal das populações, o que irá contribuir para a melhoria das condições de vida das populações. Vai haver maiores responsabilidades no quadro do desenvolvimento regional e nacional.

**NOME: FLORINDO JORGE CORREIA FERNANDES**

**IDADE: 21 ANOS**

**MORADA: CUTELO ROCHA**

### **Respostas relacionadas com a festa de São Salvador do Mundo**

- 1.A festa de S. S. Mundo antes tinha mais actividades. Vinham muitos emigrantes, as actividades eram mais e melhores.
- 2.Não.
3. Mais tempo.
4. A reversão no Sábado de S. S. do Mundo e no Domingo após à missa.
5. Não sei.

#### **Respostas relacionadas com a política camarária nos Picos**

1. Acho que não.
2. Escola de Leitão Grande, estradas para Manhanga, placa desportiva.
3. Alguns sim, outros não.

#### **Respostas relacionadas com a vida socio-económica nos Picos**

- 1.Agricultura e criação de gado.
2. Muito pouco.

#### **Respostas relacionadas com a criação do município dos Picos**

1. Sim.
2. Ter trabalho para os jovens e desenvolvimento dos Picos.